

George Berkeley

Três Diálogos
entre **Hylas**
e **Philonous**

PRIMEIRO DIÁLOGO



traduzindo

Os volumes da coleção **Traduzindo: textos filosóficos na sala de aula** são destinados às aulas de filosofia no ensino médio. Os textos que integram a coleção são, em sua maioria, resultados do trabalho desenvolvido nas Oficinas de Tradução, uma iniciativa da coordenação da graduação em filosofia da UFPR apoiada pelo CELIN, REUNI, PRAE e CAPES, através do PIBID. Integram as oficinas estudantes de graduação e de pósgraduação, e professores do ensino médio e do graduação, ensino superior. Os textos trabalhados nas Oficinas são criteriosamente selecionados pela sua viabilidade como material didático ou de apoio para as aulas de filosofia no ensino médio. Nenhuma restrição se faz quanto ao período da publicação original do texto ou da orientação doutrinária à qual ele se alinha. A única exigência é que haja, por assim dizer, uma aula de filosofia por detrás de cada texto escolhido.

George Berkeley

Três Diálogos entre Hylas e Philonous

PRIMEIRO DIÁLOGO



Eduardo Salles O. Barra (org.)

Três Diálogos
entre **Hylas**
e **Philonous**

de George Berkeley

1ª Edição

Curitiba
UFPR - SCHLA
2012



Organização: Eduardo Salles O. Barra

Tradução, apresentação e notas: Luciano Ezequiel Kaminski, Andrea Cachel, Ariosvaldo Kiister Siqueira, Eduardo Salles O. Barra, Jackson Ailton Medina, Morena Zomignani, Regina Aline dos Anjos, Valmir Percegon

Nota sobre esta edição: a tradução a seguir foi feita a partir do original em inglês *Three Dialogues between Hylas and Philonous*, publicado no segundo volume do *The Works of George Berkeley, Bishop of Cloyne* (Londres, 1948-1957), editado A.A. Luce e T.E. Jessop. As divisões inseridas ao longo do texto, com subtítulos, não existem na edição original do texto. Elas foram aqui acrescentadas pelos tradutores como guias para demarcar e facilitar a leitura. A equipe de tradução agradece ao professor Jaimir Comte (UFSC) pelos comentários e sugestões à primeira versão deste texto, que, na sua maioria, foram integralmente incorporados a esta versão final.

Catálogo na Fonte: Universidade Federal do Paraná,
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação.

Berkeley, Gerge

Três diálogos entre Hylas e Philonous / George Berkeley; organizador:
Eduardo Salles O. Barra; tradução: Luciano Ezequiel Kaminski, Andrea Cachel
e Ariosvaldo Kiister Siqueira. – Curitiba : UFPR. SCHLA, 2012.

86 p. – (Traduzindo: Textos filosóficos na sala de aula)

ISBN 978-85-99229-12-5

1. Filosofia – História. 2. Metafísica. I. Título. II. Barra, Eduardo Salles O.
Kaminski, Luciano Ezequiel. III. Cachel, Andrea. IV. Siqueira, Ariosvaldo Kiister
Siqueira.

CDD 101

Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985

Sumário

Apresentação	7
Três diálogos entre Hylas e Philonous	19
[sobre uma suposta substância material]	21
[sobre o ceticismo (I)]	22
[sobre as coisas sensíveis]	23
[sobre o tato (calor e dor)]	27
[sobre o paladar]	35
[sobre o olfato]	37
[sobre a audição]	38
[sobre a visão (cores)]	41
[sobre a visão (luz)]	45
[sobre a extensão e a figura]	49
[sobre o movimento]	52
[sobre a solidez]	53
[sobre as qualidades primárias e absolutas]	54
[sobre o “intelecto puro”]	59
[sobre o “objeto”]	60
[sobre a ação da mente]	62
[sobre o substrato material]	65
[sobre o suporte dos acidentes da matéria]	67
[sobre a concepção de uma existência exterior à mente]	68
[sobre a distância como indício da exterioridade]	70
[sobre as coisas reais ou os arquétipos das nossa ideias]	74
[sobre o ceticismo (II)]	81

Apresentação

No início da década de 90, foi publicado *O Mundo de Sofia*, um livro que despertou entre os jovens do mundo inteiro o interesse por um gênero literário pouco comum nas estantes das livrarias e das bibliotecas: o romance filosófico. Traduzido em mais de 50 idiomas, o livro de autoria do escritor norueguês Jostein Gaarder conta a história de uma jovem, Sofia Amundsen, que às vésperas de completar 15 anos passa a receber bilhetes anônimos contendo recados enigmáticos. Nesses recados, são lhes apresentados questionamentos instigantes tais como de onde viemos?, o que somos?, qual a origem e o sentido da vida?, enfim, questões que desde sempre mobilizaram a ciência, a religião, a arte e, como não poderia deixar de ser, a filosofia. Conduzida por esses questionamentos, Sofia inicia uma viagem instigante pelo mundo da filosofia, povoado por pensadores das mais diversas épocas e estilos de pensamento. Entre esses questionamentos destaca-se a pergunta sobre o que há de indubitavelmente real em tudo que percebemos pelos nossos sentidos ou pensamos por nossas ideias. Essa pergunta assume ares mais dramáticos e desafiadores quando entram em cena as ideias de um filósofo chamado George Berkeley, que Gaarder apresenta ao seu leitor como um decidido defensor da tese de que “não podemos saber se a nossa realidade exterior é constituída somente por ondas sonoras ou por papel e letras” e, portanto, “só podemos saber que somos feitos de espírito”. Tudo o que supusermos existir além do nosso espírito – com suas percepções e pensamentos – será motivo para mergulharmos na mais profunda confusão filosófica.

George Berkeley nasceu em 1685 no condado de Kilkenny, na Irlanda. Ingressou no clero anglicano irlandês em 1721 e foi nomeado bispo em 1734. A vida religiosa

favoreceu a sua dedicação à filosofia. Entre os seus mais contantes interesses nesse campo, destacam-se as críticas aos filósofos que defendiam a existência de um mundo exterior e independente da nossa mente ou espírito – justamente o aspecto da filosofia de Berkeley escolhido por Gaarder para intensificar o drama existencial vivido por sua personagem Sofia Amundsen. Berkeley teve uma extensa produção literária, cuja repercussão se deve sobretudo a dois livros: *Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano* (1710) e *Três Diálogos entre Hylas e Philonous* (1713). O texto que você lerá a seguir é uma parte, o primeiro capítulo, desse último livro.

Os *Três Diálogos* foram escritos porque Berkeley julgara que o seu *Tratado* havia sido mal interpretado. Os objetivos de Berkeley eram, então, esclarecer as teses de sua principal obra e defender-se das acusações de que, contrariando todas as suas próprias intenções, ela promovia o ceticismo e o ateísmo. Com esses objetivos em mente, ele constrói um diálogo entre dois personagens, Philonous e Hylas, cada qual com funções opostas: a Philonous caberá o papel do defensor da posição de Berkeley, e a Hylas, a tarefa de levantar os temas das discussões e apresentar questionamentos às teses defendidas por seu interlocutor. Conforme ficará mais claro ao longo desta apresentação, não é à toa que Berkeley nomeia assim seus personagens: em “Philonous” reúnem-se dois termos gregos, *philos* (amigo, amizade, amor) e *nous* (alma, espírito, pensamento), enquanto “Hylas” é tanto o nome de um personagem da mitologia grega quando uma palavra derivada do termo grego *hylé* (matéria).

O problema central do debate entre Philonous e Hylas é a possibilidade de que as coisas sobre as quais pensamos com o auxílio de nossas ideias possam existir para além dessas ideias. Mas, para que esse problema possa ser aprofundado com algum sucesso, há uma questão que deve ser antes enfrentada: qual é a origem das nossas ideias? Os filósofos antigos já haviam sugerido uma distância problemática entre nossas ideias e as próprias coisas que elas supostamente representam. Mas, com os filósofos contemporâneos de Berkeley, num período da história da filosofia que ficou conhecido como filosofia moderna e que abrange os sécs.

XVII e XVIII, o problema ganhou novos contornos. Acrescentou-se às dúvidas dos antigos as suspeitas de que nossas ideias já possuíssem um vício de origem, que as impediriam de representar corretamente não importa quais fossem as coisas a serem representadas. Por isso, para os filósofos modernos, esclarecer a origem das ideias tornou-se um passo decisivo para avaliar o seu caráter representativo.

Mas, afinal, quando falamos de *ideia*, do que exatamente estamos falando? É possível identificar diversas concepções para esse termo. Uma forma de conceituarmos a ideia ocorre em René Descartes (1596-1650), importante filósofo francês tido como o principal fundador da filosofia moderna. Segundo ele, as ideias são construções mentais que realizamos quando, por exemplo, temos uma caneta diante dos nossos olhos ou somos desafiados a realizar a operação aritmética representada por $2+2$. As ideias seriam, portanto, produtos da nossa mente. Mas, segundo Descartes, isso não é tudo. Alguns dos conteúdos das nossas ideias não seriam nem adquiridos pelos sentidos nem construídos por cadeias dedutivas. Haveria, pois, ideias que seriam inatas à mente humana, ou seja, fariam parte da natureza própria da nossa razão. A ideia de perfeição, por exemplo, não poderia ter sido criada pela mente humana, por mais que fossemos capazes de manipular sofisticados instrumentos intelectuais ou reunir toda a experiência que pudéssemos realizar. Esta posição sobre a origem das ideias é conhecida como *inatismo*, que é muito própria das filosofias identificadas com o *racionalismo*, que, por sua vez, consiste na defesa de que basta um exercício cuidadoso operado pela própria razão, interno à mente, para que qualquer ser humano possa formular suas ideias e, assim, conhecer tudo que se possa conhecer de mais fundamental. Esse exercício mental pode ser tanto uma intuição – por exemplo, o ato de tornar-se



Descartes



Locke

consciente de uma ideia inata – quanto uma dedução, isto é, um raciocínio com base em alguma intuição prévia.

Em oposição ao racionalismo surge, na segunda metade do século XVII, outra orientação filosófica: o *empirismo*. Os empiristas concordam com Descartes no que diz respeito à noção de ideia enquanto conteúdo mental, ou seja, não existem ideias fora da mente. Ideias são, ao mesmo tempo, a matéria de uma mente que pensa e os produtos dessa mente. Entretanto, os empiristas discordam de Descartes no que diz respeito à possibilidade de as ideias nascerem exclusivamente da atividade interna

da própria razão. O filósofo inglês John Locke (1632-1704), foi um dos primeiros e mais destacados representantes do empirismo moderno. Ele defendia que todas as nossas ideias são originadas das nossas percepções dos sentidos. A experiência seria, assim, a fonte exclusiva e o limite dos nossos conteúdos mentais. E não adiantaria que inatistas e racionalistas contra-argumentassem que as experiências sirvam apenas para nos tornarmos conscientes das ideias que já possuímos. Para Locke, “seja qual for a ideia que nunca foi percebida pela mente, nunca esteve na mente. Seja qual for a ideia que exista na mente, ou é uma percepção atual ou, tendo em sido uma percepção atual, está de tal modo na mente que através da memória pode ser de novo transformada em percepção atual” (*Ensaio*, Livro I, Cap. 3, § 21).

O argumento de Locke pressupõe que, ao nascermos, a nossa mente seja comparável a uma tábula rasa, preenchida a partir das experiências ou percepções que teremos ao longo da vida. Essa concepção, por sua vez, pressupõe que haja objetos externos à nossa mente capazes de imprimir em nossos órgãos sensoriais suas qualidades ou propriedades. Nesse sentido, embora as ideias estejam na nossa mente e não possam existir fora dela, seria necessário admitir uma realidade externa que tenha poder de produzi-las. Mas Locke tinha consciência

que nem todas as nossas ideias correspondem precisamente ao que de fato deve pertencer como qualidade ou propriedade aos objetos externos. Certas ideias, tais como extensão, figura e movimento, denominadas *qualidades primárias*, representam propriedades reais dos corpos das quais as nossas ideias são cópias. Outras ideias, entretanto, parecem supor um certa atividade construtiva da mente para que possam ser completadas. São dessa espécie as ideias de cor, odor, som, textura e sabor, que Locke denominou *qualidades secundárias*. Por serem resultado de uma operação interna à mente, ainda que não sejam de todo independentes do mundo externo, as causas das qualidades secundárias não são evidentes nem tampouco se pode dizer que pertençam aos objetos externos tal como lhes pertencem as qualidades primárias.

Vejamos a aplicação dessa classificação das qualidades proposta por Locke à análise das ideias que nos surgem quando temos diante de nós, por exemplo, um lápis. A simples percepção do lápis à minha frente me informa que ele possui determinadas qualidades primárias: sua extensão (que ele ocupa uma determinada porção do espaço), sua solidez (que torna impenetrável o espaço que ocupa) e sua mobilidade (que pode deslocar-se pelo espaço conservando sua extensão e solidez). A partir do momento que internalizamos essas informações, de alguma maneira surgem outras ideias, sobre cujo aparecimento em nossa mente tampouco temos qualquer controle consciente. Essas ideias são precisamente as ideias de qualidades visíveis (por exemplo, a cor do lápis), olfativas (por exemplo, cheiro de madeira), gustativas (por exemplo, gosto amargo), táteis (por exemplo, áspero) e sonoras (por exemplo, o som agudo que produz ao cair no chão). Essas últimas são, no entanto, chamadas de qualidades secundárias não porque suas ideias tenham origem nas sensações – as ideias correspondentes às qualidades primárias têm a mesma origem. Mas porque elas surgem da interação dos nossos órgãos perceptivos com as qualidades primárias presentes nos objetos.

Os *Três Diálogos* de Berkeley, conforme se pode notar na capa desta publicação, tem um sugestivo subtítulo: “em oposição aos cétricos e aos ateus”. Quais seriam os cétricos e os ateus a quem Berkeley dirige as suas críticas? Tradicionalmente, admite-se que o principal alvo das críticas de Berkeley seria justamente a filosofia de Locke. O que há no empirismo e no anti-inatismo lockeano que os converteriam no tipo de ceticismo que Berkeley combate nos *Três Diálogos*? O ceticismo, em geral, é uma posição filosófica cujo objetivo é sobretudo contestar a possibilidade do conhecimento. Mais radical em algumas vertentes (negar qualquer possibilidade de conhecimento), menos radical em outras (negar, por exemplo, apenas a possibilidade do conhecimento a priori, mas considerar possível algum tipo de conhecimento empírico), o ceticismo converte-se num forte aliado daqueles que divergem da crença de que há um mundo estável e independente, que nossos sentidos e/ou nossa razão nos permitem representar. Se considerarmos correta a distinção anterior entre qualidades primárias e qualidades secundárias, Locke estaria longe de ser um cétrico nesse sentido; afinal, embora as qualidades secundárias possam variar de sujeito para sujeito, as qualidades primárias são estáveis, universais e independentes das representações que delas fazem os diferentes sujeitos. Ocorre, entretanto, que Berkeley pensava exatamente o contrário: recusava a distinção lockeana entre qualidades primárias e secundárias justamente porque a considerava um caminho inevitável para o ceticismo.

Mas, por outro lado, Berkeley é também um crítico do racionalismo cartesiano e, nas questões que colocam em lados opostos as filosofias racionalistas e empiristas, ele nitidamente tenderia a tomar partido dos empiristas. Podemos, então, antever o tamanho do problema que Berkeley tinha pela frente: afirmar-se empirista sem recair no ceticismo nem, muito menos, no ateísmo.

O lema tradicionalmente conhecido por ser uma síntese da filosofia berkeleyana é o “ser é ser percebido”, afirmação contida no terceiro parágrafo do *Tratado dos Princípios do Entendimento Humano* (1710). Uma maneira muito direta de compre-

ender essas palavras de Berkeley, é pensar que elas afirmam que, se algo tem realmente existência, deve ser percebido pelos sentidos. Com essa afirmação, Berkeley quer se opor à opinião comum de que casas, montanhas, rios, enfim, todos os objetos sensíveis têm uma existência externa às sensações pelas quais os conhecemos. Os filósofos que se fiam nessa opinião defendem a existência de substâncias materiais exteriores à mente. Recordemos que, para Locke, as qualidades primárias existem para além daquilo que a nossa mente percebe, isto é, independente de uma mente que as perceba; e essas qualidades resumem tudo aquilo que podemos saber que existe independentemente de serem apreendidas por nossa mente. Quando confrontamos essas duas perspectivas, temos um conflito entre duas posições filosóficas conhecidas como *realismo* e *idealismo*. Locke é um empirista da estirpe realista, pois defende a existência de um mundo exterior à mente, ao passo em que Berkeley é um empirista da estirpe oposta, idealista, uma vez que se recusa a admitir tal existência. Confirmando o princípio “ser é ser percebido”, no diálogo que você lerá a seguir Berkeley sustentará a tese de que é impossível “que alguma coisa corpórea e sensível possa existir senão na mente”.

Promover involuntariamente o ateísmo, segundo Berkeley, é o risco a que estão sujeitos todos aqueles que aderem ao realismo defendido por Locke. Supor um mundo material cuja existência seja inteiramente independente de uma mente que o perceba pode sugerir que o mundo seja eterno e, portanto, que não esteja sujeito à criação nem à extinção. Nesse contexto, ateísmo não significa apenas negar explicitamente a existência de Deus – algo que Locke jamais cogitou fazer. Aqui ateísmo significa apenas uma determinada concepção do mundo no qual não há lugar para uma ação contínua e regular de Deus sobre ele. O ateísmo de Locke seria, assim, um mero reflexo de sua *materialismo* – por isso, o antídoto de Berkeley para combater esse tipo de ateísmo ficou conhecido como *imaterialismo*.

O imaterialismo de Berkeley é, ao mesmo tempo, a sua resposta às críticas de que fosse ele próprio um cétrico. Assim como ocorre com todas as filosofias idea-

listas, sempre haverá razões para acusar Berkeley de ser um cético; afinal, qualquer dificuldade com relação à verdade de nossos pensamentos seria resolvida exclusivamente em termos das nossas próprias ideias, sem nenhum recurso a uma realidade além delas. Isso significa que, à primeira vista, tudo o que podemos oferecer como justificativa ou fundamento para aquilo que afirmamos ou em que acreditamos são nossas próprias percepções e nada mais. Uma vez que não temos meios de nos assegurar que todos os sujeitos pensam ou percebem do mesmo modo, nos encontramos numa situação de total relatividade, na qual o critério último é aquilo que cada pessoa apreende por meio de seus próprios sentidos. Foi assim que pensaram os críticos do *Tratado sobre os Princípios do Entendimento Humano*, que enxergaram nele um caminho inevitável para o ceticismo. Com efeito, quem nos garante que os conteúdos das nossas percepções não são ilusões? Quantas vezes já não fomos enganados quando confiamos apenas nos nossos sentidos?

18

Não resta dúvida que Berkeley assume uma posição bastante ousada e polêmica, ao reduzir os objetos das nossas experiências a puros objetos mentais. O que chamamos realidade seria, do ponto de vista do idealismo berkeleyano, apenas o que pode ser percebido. Não haveria uma substância puramente material, separada da mente. Mas, se pensarmos dessa forma, como poderemos ainda garantir que o nosso pensamento seja verdadeiro ou que ele possa pretender ser objetivo? É imprescindível, para restituir a verdade e a objetivos dos nossos pensamentos, que os diversos conteúdos mentais sejam reunidos de modo coerente em unidades que ultrapassem as capacidades de uma única mente humana falível. Quem poderia ter tal capacidade senão Deus, cujo intelecto absoluto seria enfim o único capaz de ordenar todas as ideias em conjuntos coerentes e regulares? Berkeley faz de Deus um ser percipiente como qualquer um de nós. Mas, por outro, ele terá essa capacidade num grau tão supremo que nenhum ser humano poderá alcançar. A percepção de Deus converte-se, portanto, no critério universal para avaliar a verdade e a objetividade das ideias que cada pessoa elabora a partir das

suas próprias percepções. Berkeley, enfim, ao mesmo tempo em que responde às acusações de promover o ceticismo, não deixa qualquer margem de dúvidas para que suspeitem de sua oposição ao ateísmo.

Sendo assim, temos que admitir que Berkeley não reduz tudo a meras impressões pessoais, ou mesmo atinge o ponto extremo de negar realidade ao mundo à nossa volta. Se ele pensasse assim, ele tornaria qualquer experiência impossível e nos autorizaria a pensar que Deus poderia estar nos enganando produzindo em nós um mundo de fantasias – o que seria uma grande contradição. Entretanto, não há nada que possamos falar do mundo, inclusive chamá-lo assim, que não seja resultado de percepções – percepções de nossas mentes limitadas e falíveis ou percepções da mente infinita e infalível de Deus. Ao final do diálogo a seguir, Philonous consegue finalmente convencer seu opositor Hylas de que qualquer experiência só é possível mediante a participação ativa de uma mente: “Agora vejo claramente – diz Hylas – que tudo que posso fazer é formar ideias na minha própria mente. De fato, posso conceber em meus pensamentos a ideia de uma árvore, uma casa ou uma montanha, mas isso é tudo. E isso está longe de ser prova de que posso concebê-las existindo *fora das mentes de todos os espíritos.*”

19

O que é real? Em suma, esse é o problema que Berkeley pretende discutir no diálogo que ele imaginou entre Hylas e Philonous. Algo muito próximo dessa pergunta inspirou os cineastas Andy e Larry Wachowskis, que lançaram em 1999 a série de filmes *Matrix*. O filme é a história de Neo, um homem cuja preocupação era libertar o restante da humanidade do domínio de um sistema cibernético. Esse sistema provoca a ilusão nos homens de que sentem ou pensam com suas próprias mentes, ao passo que, de fato, tudo não passa de efeitos idênticos aos reais produzidos pelo super computador ao qual todos estão conectados desde o nascimento. Quando Neo empreende sua tentativa de escapar da *Matrix*, ele a compreende como uma tentativa de abandonar aquele mundo ilusório e ir em busca da verdadeira realidade. Ao acompanhar as aventuras e as especulações

de Neo podemos suspeitar que o imaterialismo de Berkeley seja uma forma ancestral de nos chamar a atenção para as mesmas circunstâncias vividas pelo homem sob o domínio da Matrix: estamos eternamente presos a um mundo de meras percepções, sem nunca ter acesso ao mundo real. Será que, de fato, Berkeley pensava assim? Isso é algo que você mesmo pode responder lendo com atenção o diálogo a seguir. Ao final, você poderá verificar por si mesmo se, para Berkeley, há qualquer separação possível entre percepção e realidade e utilizar os argumentos de Berkeley para compreender melhor os modos como conhecemos o mundo ao nosso redor. Boa leitura, boa reflexão!

Três diálogos entre Hylas e Philonous em oposição aos céticos e ateus

PRIMEIRO DIÁLOGO

Philonous Bom dia, Hylas. Que surpresa encontrá-lo tão cedo aqui fora!

Hylas De fato, isso quase nunca acontece; mas fiquei tão envolvido com a questão sobre a qual estive discutindo na noite passada que não consegui dormir. Por isso, resolvi levantar e dar uma volta pelo jardim.

Philonous Melhor assim! Veja quantas coisas agradáveis você perde todas as manhãs. Pode haver momento do dia ou estação do ano mais agradável? Esse céu avermelhado, esse canto selvagem e, ainda assim, suave dos pássaros, a fragrância que emana das árvores e das flores, o calor ameno do sol nascente, essas e outras tantas maravilhas da natureza inspiram a alma a devaneios. Revigoradas por esse cenário, suas faculdades intelectuais tornam-se aptas às meditações naturalmente propiciadas pela solidão do jardim e pela tranquilidade da manhã. Mas receio ter interrompido seus pensamentos. Você me parecia estar muito concentrado.

Hylas É verdade, eu estava; e ficarei muito agradecido se você me permitir prosseguir. Não que eu queira, de modo algum, privar-me de sua companhia, pois meus pensamentos sempre fluem melhor quando converso com um amigo do que quando estou sozinho. Por isso, peço-lhe que compartilhe das minhas reflexões.

Philonous Sinceramente, é o que eu lhe teria pedido caso você não o tivesse feito.

Hylas Eu estava refletindo sobre o destino peculiar daqueles homens que, em todas as épocas, por um desejo de se distinguir do senso comum ou por uma inesperada mudança de pensamento, dispuseram-se a não acreditar em mais nada ou a acreditar apenas nas coisas mais extravagantes do mundo. Isso até seria aceitável caso os paradoxos e o ceticismo desses homens não trouxessem tantas consequências prejudiciais à humanidade. O problema consiste em que, quando homens menos instruídos veem outros – que supostamente deveriam dedicar todo o seu tempo à busca do conhecimento – alegarem sua ignorância completa sobre todas as coisas ou sustentarem noções repugnantes aos princípios correntes e facilmente aceitos, tais homens menos instruídos são tentados a duvidar das verdades mais importantes, as quais até então eram tidas como sagradas e inquestionáveis.

Philonous Concordo plenamente com você quanto à tendência nefasta das dúvidas pretensivas de alguns filósofos e aos conceitos fantasiosos de outros. Fui tão longe nesse modo de pensar que acabei abandonando muitas das noções sublimes que aprendi com as doutrinas desses filósofos em favor das opiniões do vulgo. Posso lhe assegurar que, a partir do momento em que me revoltei contra as noções metafísicas, em favor do senso comum e das imposições evidentes da natureza, percebi meu entendimento especialmente iluminado, de modo que agora posso facilmente compreender várias coisas que antes eram enigmáticas e misteriosas para mim.

O termo “vulgo” aqui não tem um significado pejorativo. Refere-se ao senso comum, isto é, à opinião comum de que o que aparece aos sentidos são coisas reais. A alternativa a esse modo vulgar de pensar é compreender que os sons e ruídos que a audição nos informa, o tamanho e a distância que a visão nos informa, o doce e amargo que o paladar nos informa etc. são todos reflexos de realidades externas à nossa mente. As divergências de Berkeley a esse respeito ficarão claras mais adiante quando, por exemplo, fará referência ao som. Se pudéssemos conferir ao som uma existência independente dos nossos sentidos, poderíamos, diz ele, em tom irônico, pensar em um som real (vulgar) e um som filosófico (essencial, metafísico) – o que seria absurdo. Só existe um único som, aquele que é percebido por qualquer um cuja audição se encontre em bom funcionamento.

Hylas Eu fico contente em saber que nada que foi dito a seu respeito é verdade.

Philonous Conte-me, por favor, o que disseram a seu respeito.

[sobre uma suposta substância material]

Hylas Na conversa da noite passada, você foi mencionado como alguém que sustentava a mais extravagante opinião que jamais ocorreu à mente humana: que não existe no mundo aquilo que se chama *substância material*.

Philonous Estou plenamente convencido de que não existe aquilo que os filósofos chamam de *substância material*. Mas, se me mostrassem que há nessa opinião algo absurdo ou cético, eu renunciaria a ela pela mesma razão que creio ter agora para rejeitar a opinião de que existe uma *substância material*.

Hylas O quê?! Pode haver algo mais estranho e repugnante ao senso comum ou manifestação mais evidente de ceticismo que acreditar que a *matéria* não existe?

Philonous Acalme-se, meu caro Hylas. E se pudesse ser provado que você, pelo fato de admitir a existência da matéria, é mais cético e está mais sujeito a incorrer em paradoxos e a contrariar o senso comum do que eu que não acredito em nada disso?

Hylas Caso você me convença de que a parte é maior que o todo, serei obrigado a ceder neste ponto a fim de evitar o absurdo e o ceticismo.

Philonous Então você está disposto a admitir como verdadeira a opinião de que não existe uma *substância material*, opinião esse que, quando submetida a um exame minucioso, deve parecer mais favorável ao senso comum e distante do ceticismo?

Hylas Certamente. Já que você está disposto a levantar questões sobre as coisas mais simples da natureza, fico satisfeito em ouvir o que você tem a dizer.

[sobre o ceticismo (I)]

Philonous Diga, Hylas, o que você entende por *cético*?

Hylas O mesmo que todas as pessoas: *cético* é quem duvida de tudo.

Philonous Sendo assim, aquele que não possui dúvidas quanto a um ponto em particular, não pode ser considerado cético em relação a esse ponto.

Hylas Concordo com você.

Philonous E, duvidar consiste em afirmar ou negar algo?

Hylas Nem afirmar nem negar. Para qualquer um que entenda nossa língua, duvidar significa uma suspensão entre a afirmação e a negação.

Philonous Então, não se pode dizer que alguém que nega algum ponto de vida mais que alguém que afirma esse ponto com o mesmo grau de segurança.

Hylas Verdade.

Philonous Conseqüentemente, não se pode considerar essa pessoa, em virtude de sua negação, mais cética que a outra.

Hylas Tenho que admitir.

Philonous Como é possível, então, Hylas, que você me chame de *cético* só porque eu nego aquilo que você afirma, ou seja, a existência da *matéria*? Porque não importa o que você diga, eu sou tão incisivo em minha negação quanto você em sua afirmação.

Hylas Contenha-se, Philonous, eu fui um pouco descuidado na minha definição, mas não é necessário insistir em cada equívoco que um homem pode cometer em um discurso. Eu disse, de fato, que um *cético* era aquele que duvidava de tudo. Porém, eu deveria ter acrescentado que também pode ser aquele que nega a realidade e a verdade das coisas.

Philonous Que coisas? Você se refere aos princípios e teoremas das ciências? Mas esses, você sabe, são noções intelectuais universais e, conseqüentemente, independem da matéria. Portanto, a negação da matéria não implica a rejeição desses princípios e teoremas.

Hylas Concordo. Mas não existem outras coisas? O que você pensa sobre desconfiar dos sentidos, negar a existência real das coisas sensíveis ou simular não saber nada a respeito delas? Isso não é suficiente para chamar alguém de cético?

Philonous Examinemos, então, qual de nós é aquele que nega a realidade das coisas sensíveis ou sustenta a maior ignorância sobre elas, uma vez que, se eu o compreendi corretamente, esse será considerado o verdadeiro *cético*.

Hylas É isso o que eu quero.

[sobre as coisas sensíveis]

Philonous O que você entende por coisas sensíveis?

Hylas Aquelas que são percebidas pelos sentidos. Você acha que eu me refiro a qualquer outra coisa?

Philonous Mil desculpas, Hylas. Eu apenas quero compreender claramente suas noções, pois isso poderia agilizar nosso debate. Permita-me fazer outra pergunta. As coisas percebidas apenas pelos sentidos são só aquelas percebidas de modo imediato? Ou aquelas percebidas mediatemente – com a intervenção de outros meios – também podem ser propriamente chamadas *coisas sensíveis*?

Hylas Eu não estou entendendo suficientemente.

Philonous Ao ler um livro, o que percebo imediatamente são as letras, mas imediatamente, ou por meio delas, são sugeridas à minha mente as noções de Deus, virtude, verdade etc. Não há dúvida, portanto, de que as letras são verdadeiramente coisas sensíveis, ou percebidas pelos sentidos. Mas eu gostaria de saber se você considera que as coisas sugeridas pelas letras também são coisas sensíveis.

Hylas Certamente não. Seria absurdo pensar que *Deus* ou a *virtude* sejam coisas sensíveis, embora possam ser significadas e sugeridas à mente por sinais sensíveis, com os quais elas teriam uma conexão arbitrária.

Conexões arbitrárias são o tipo de ligação que Berkeley julga ocorrer entre sinais e ideias. Nem todas as conexões ou ligações são, entretanto, arbitrárias. A conexão entre um foto e a pessoa ou a paisagem nela fotografada não é uma ligação arbitrária, pois entre elas deve haver no mínimo uma certa semelhança. Mas isso não ocorre entre, por exemplo, o som da letra “a” o modo como representamos essa letra aqui sobre o papel, isto é, entre o som e o sinal gráfico “a”. Esse tipo de conexão é arbitrário justamente porque resultam exclusividade de uma convenção entre os falantes de uma mesma língua. Mais adiante, Berkeley retomará o tema da conexão arbitrária entre sinal e ideia, quando tratar da relação entre as ideias visuais e táteis. Segundo ele, as primeiras serão meros sinais da segundas, de tal modo que, no final das contas, somente as qualidades táteis serão genuinamente ideias.

Philonous Parece-me, assim, que por coisas sensíveis você entende unicamente aquelas que podem ser percebidas imediatamente pelos sentidos.

Hylas Certo.

Philonous Embora eu veja uma parte do céu vermelha e outra azul, e que minha razão conclua desse fato que deve haver alguma causa para essa diversidade de cores, poderia resultar disso um obstáculo para considerar essa causa uma coisa sensível ou algo percebido pelo sentido da visão?

Hylas Realmente.

Philonous Do mesmo modo, ainda que eu escute uma variedade de sons, não se pode dizer que eu escuto a causa desses sons.

Hylas De fato, não se pode dizer.

Philonous E quando, pelo tato, percebo que uma coisa é quente e pesada, não posso dizer com certeza e com propriedade que sinto a causa do seu calor ou peso.

Hylas Para evitar quaisquer perguntas desse tipo digo, de uma vez por todas, que por coisas sensíveis entendo apenas aquelas que são percebidas pelos sentidos e que, na verdade, os sentidos não percebem nada além do que é percebido imediatamente, pois eles não fazem inferências. Assim, a dedução das causas ou ocasiões, a partir dos efeitos e aparências – que são os únicos percebidos pelos sentidos – cabe inteiramente à razão.

Philonous Nós concordamos quanto a este ponto: *coisas sensíveis são apenas aquelas imediatamente percebidas pelos sentidos*. Além disso, você pode me dizer se percebemos imediatamente pela visão algo além da luz, cores e figuras; pela audição, alguma coisa além de sons; pelo paladar, algo além de gostos; pelo olfato, mais que odores; ou pelo tato, mais que qualidades tangíveis.

Hylas Não percebemos.

Inferências são conclusões obtidas a partir de um raciocínio qualquer. Por exemplo: se constato sinais de fumaça, tais como cheiro, nuvens de fuligem etc., essa constatação vale como uma premissa para que eu realize um raciocínio cuja conclusão será a hipótese de que talvez haja fogo em algum lugar próximo do local onde me encontro. É preciso notar que as inferências são processos que levam nossos pensamentos a ultrapassar aquilo que os sentidos nos informam imediatamente, isto é, nos informam sem nenhuma mediação. As inferências somente permitem estender o alcance do nosso pensamento porque produzem um conhecimento mediado por premissas e regras de inferência. Uma regra de inferência seria, por exemplo, o princípio de causalidade, que afirma que nada acontece sem que haja uma causa para tanto. É com base numa regra como essa que raciocinamos, por exemplo, a partir da constatação dos primeiros sinais de fumaça – constatação que vale como uma premissa. A conclusão retirada desse raciocínio é que nos levará, enfim, a procurar por um possível início de incêndio e, na hipótese de o encontrarmos, a tomar as providências para debelá-lo.

28

Philonous Parece, então, que se você eliminar todas as qualidades sensíveis não restará nada sensível.

Hylas Admito.

Philonous As coisas sensíveis, portanto, nada mais são que diversas qualidades sensíveis ou combinações delas.

Hylas Nada mais.

Philonous De modo que o calor é uma coisa sensível.

Hylas Com certeza.

Philonous A realidade das coisas sensíveis consiste no fato de serem percebidas ou é algo distinto, o qual não tem relação com a mente?

Hylas *Existir é uma coisa, ser percebido é outra.*

[sobre o tato (calor e dor)]

Philonous Falo apenas das coisas sensíveis e quanto a elas pergunto: você entende a existência real dessas coisas como algo que possui subsistência externa à mente e distinta do fato de ser percebida?

Hylas Eu a entendo como um ser real absoluto, distinto de, e sem nenhuma relação com, o fato de ser percebido.

Philonous O calor, portanto, se for tratado como um ser real, deverá existir fora da mente.

Hylas Deverá.

Philonous Diga-me, Hylas, essa existência real é igualmente atribuível a todos os graus de calor que percebemos ou existe alguma razão pela qual devemos atribuir tal existência a alguns graus e negar a outros? Se essa razão existe, qual seria?

Hylas Seja qual for o grau de calor que percebemos pelos sentidos, podemos ter certeza de que o mesmo existe no objeto que o ocasiona.

Philonous Como assim? Tanto o maior quanto o menor calor?

Hylas Afirmo que a razão para atribuir existência real tanto ao maior quanto ao menor grau de calor é exatamente a mesma forma nos dois casos: ambos são percebidos pelos sentidos. Ou melhor, um maior grau de calor é percebido de modo mais intenso. Por consequência, se existe alguma diferença, é que podemos ter uma certeza maior de sua existência real do que teríamos se houvesse um grau menor de calor.

29

Philonous Mas esse grau de calor mais intenso não seria uma dor extrema?

Hylas É inegável.

Philonous E algo que não percebe é capaz de dor ou prazer?

Hylas É óbvio que não.

Philonous A sua substância material é um ser incapaz de perceber ou um ser dotado de sensibilidade e percepção?

Hylas É incapaz de percepção, sem dúvida.

Philonous Ela não pode, portanto, estar sujeita à dor.

Hylas De modo algum.

Philonous Tampouco pode estar sujeita ao maior calor percebido pelos sentidos, já que você admite não ser essa uma dor insignificante.

Hylas De fato.

Philonous Então, o objeto externo a que você se refere é uma substância material ou não?

Hylas É uma substância material com qualidades sensíveis que lhe são inerentes.

Philonous Como pode, então, um calor mais intenso existir nessa substância material, já que você admite que esse calor não pode existir nela? Eu gostaria que você esclarecesse esse ponto.

Hylas Calma, Philonous. Receio que me equivoquei ao admitir que um calor intenso é uma dor. Parece-me, na verdade, que a dor é algo distinto do calor e é dele sua consequência ou efeito.

Philonous Ao aproximar sua mão do fogo você percebe uma sensação simples e uniforme ou duas sensações distintas?

Hylas Apenas uma sensação simples.

Philonous O calor não é imediatamente percebido?

Hylas É.

Philonous E a dor?

Hylas Também.

Philonous Assim, considerando que o calor e a dor são percebidos imediatamente e ao mesmo tempo, e que o fogo nos afeta apenas como uma ideia simples ou não composta, segue-se que essa ideia simples é tanto a dor como o calor intenso imediatamente percebido. Consequentemente, esse calor intenso imediatamente percebido não é distinto de um tipo particular de dor.

Para Berkeley, as ideias em nada diferem das qualidades sensíveis apreendidas pelos sentidos. Por exemplo, a percepção que temos do calor e da dor é própria ideia deles que conservamos e manipularemos nos nossos pensamentos. Além disso, Berkeley ainda insiste que calor e dor, além do próprio fogo do qual decorrem, formam uma “uma ideia simples ou não composta”. Ora, parece ser inegável que determinadas ideias possam ser pensadas como coleções de qualidades sensíveis. Isso se explica, inicialmente, pelo fato de que a cada um dos sentidos correspondem ideias próprias relativas aos sons, cheiros, cores, texturas, solidez etc., que são apreendida isoladamente ou combinadas em grupos, dependendo das circunstâncias. A maneira como apreendemos o fogo é um exemplo de uma apreensão que pode ser pensada de modo atômico, isto é, primeiro coletamos as várias qualidades táteis, visuais e olfativas e, em seguida, as reunimos pela imaginação numa única ideia de fogo. (continua na próxima página)

Locke pensava que as nossas ideias deveriam ser assim formadas: as ideias simples são cópias das impressões, e as ideias complexas ou compostas são produtos da imaginação, que as constitui a partir da reunião de ideias simples ou de outras ideias compostas de menor complexidade. Berkeley discordava desse modo de conceber as ideias. Para ele, conforme ficará cada vez mais evidente ao longo deste diálogo, as qualidades coexistentes no mesmo objeto não podem ser pensadas separadamente. Assim, uma vez constituído um determinado objeto como uma coleção de certas qualidades sensíveis, é impossível retroceder e representar qualquer uma dessas qualidades sensíveis de modo isolado e independente das demais. É justamente isso que, na passagem acima, Philonous pretende sustentar: o fogo nos afeta como uma única ideia simples e, por isso, calor e dor não são duas ideias simples que se possa isolar e separar do interior da coleção de qualidades sensíveis que chamamos de fogo.

Hylas Assim me parece.

Philonous Agora, Hylas, tente conceber uma sensação intensa não acompanhada de dor ou prazer.

Hylas Não consigo.

Philonous Veja, ainda, se é possível conceber uma ideia geral de dor ou prazer sensíveis, abstraída de qualquer ideia particular de calor, frio, sabores, cheiros etc?

Hylas Acho que não.

Philonous Disso não se segue que a dor sensível é indistinta daquelas sensações ou ideias de calor intenso?

Hylas É inegável. E para falar a verdade, eu começo a suspeitar que um calor muito intenso só pode existir em uma mente que o perceba.

As ideias gerais seriam resultados de um processo de abstração – daí serem também chamadas de ideias abstratas. Segundo Locke, para saber o que é, por exemplo, um triângulo, retiramos todas as características particulares deste ou daquele triângulo que temos à nossa frente e retemos apenas uma ideia básica, fundamental, geral, do que seja um triângulo – que haveria de comum, por exemplo, entre triângulos isósceles, equiláteros e escalenos. Esse triângulo não teria ângulos nem agudos, nem obtusos nem retos; portanto, ele somente poderia ser uma ideia geral, uma ideia abstrata. Para Berkeley, esta forma de chegar às ideias gerais abstratas é absurda, pois seria como ser quiséssemos compreender o que seja uma mesa sem dar-lhe uma determinada cor, tamanho, textura, etc. No caso em questão, Berkeley questiona se é possível termos uma ideia geral, abstrata, separada de dor ou de prazer, sem com isso evocar imediatamente a ideia de calor ou de frio, de cheiros e de sabores.

Philonous Como assim?! Quer dizer que você está naquele estado cético de suspensão entre a afirmação e a negação?

Hylas Neste caso, penso estar afirmando algo. Um calor violento e doloroso não pode existir sem a mente.

Philonous Então, para você, esse calor não tem nenhuma existência real.

Hylas Exatamente.

Philonous Não é certo, portanto, que nenhum corpo na natureza é realmente quente?

Hylas Não neguei que haja algum calor real nos corpos. Apenas digo que não há neles algo como um calor real intenso.

Philonous Você não disse antes que todos os graus de calor eram igualmente reais, ou, se existisse alguma diferença, o mais intenso seria indubitavelmente mais real que o menos intenso?

Hylas Verdade. Mas foi porque, naquele momento, não considerei o fundamento que há para distingui-los, o qual eu agora vejo claramente. Esse fundamento consiste em que o calor intenso nada mais é senão um tipo particular de sensação dolorosa e que a dor existe apenas em um ser que percebe. Desse modo, nenhum calor intenso pode realmente existir em uma substância corpórea que não percebe. Porém, isso não é motivo para negarmos que o calor num grau inferior exista em tal substância.

Philonous Mas como seremos capazes de discernir aqueles graus de calor que existem apenas na mente daqueles que existem independentemente dela?

Hylas Essa não é uma tarefa difícil. Sabemos que mesmo a dor mais ínfima não passa despercebida. Consequentemente, qualquer grau de calor que seja uma dor, existe apenas na mente. Nada nos obriga, entretanto, a pensar o mesmo a respeito dos demais graus de calor.

Philonous Lembro-me de que você havia admitido que todo ser que não percebe é incapaz de sentir tanto o prazer como a dor.

Hylas De fato.

Philonous E o morno, uma forma mais amena de calor, diferente daquela que causa desconforto, não pode ser considerado um prazer?

Hylas E se for?

Philonous Então essa forma mais amena de calor não pode existir sem a mente num corpo, ou seja, numa substância que não percebe.

Hylas Assim parece.

Philonous Tendo em vista que tanto aqueles graus de calor que causam dor quanto os que não causam só podem existir numa substância pensante, não poderíamos concluir que os corpos externos são absolutamente incapazes de ter qualquer grau de calor?

Hylas Pensando bem, eu não acho tão evidente que o morno seja um prazer na mesma medida em que um grau elevado de calor é uma dor.

Philonous Eu não pretendo afirmar que o morno seja algo tão prazeroso quanto um calor intenso é uma dor. Porém, se você admitir que o morno é ao menos um pequeno prazer já será o suficiente para corroborar minha conclusão.

Hylas Eu prefiro chamar o morno de 'apatia'. Parece ser nada mais que a privação tanto da dor quanto do prazer. E espero que você não negue que tal estado ou qualidade possa existir numa substância não pensante.

Philonous Se você está decidido a sustentar que o morno, um grau de calor ameno, não é um prazer, eu não saberia convencê-lo de outra forma senão recorrendo ao seu bom senso. Mas o que você pensa sobre o frio?

Hylas O mesmo que penso sobre o calor. Um grau intenso de frio é uma dor, pois um frio intenso causa um grande desconforto e, consequentemente, não pode existir sem a mente. No entanto, um grau menor de frio pode.

Philonous Os corpos nos quais percebemos um grau moderado de calor devem ser considerados como tendo em si mesmos um grau de calor moderado ou morno. E aqueles nos quais percebemos um grau de frio semelhante devem ser considerados como tendo esse frio neles.

Hylas Exato.

Philonous Uma doutrina que leve alguém ao absurdo pode ser considerada verdadeira?

Hylas Sem dúvida, não pode.

Philonous Não é um absurdo pensar que a mesma coisa pode ser ao mesmo tempo fria e morna?

Hylas É.

Philonous Vamos supor que uma das suas mãos esteja quente e a outra, fria, e que elas sejam colocadas ao mesmo tempo num recipiente com água em temperatura média. A água não parecerá fria a uma das mãos e quente à outra?

Hylas Certamente.

Philonous Logo, não deveríamos concluir, a partir dos seus princípios, que o objeto pode ser ao mesmo tempo frio e morno, o que corresponderia, segundo você mesmo admitiu, a acreditar num absurdo?

Hylas Parece que sim.

Philonous Consequentemente, os próprios princípios são falsos, já que você admitiu que nenhum princípio verdadeiro leva ao absurdo.

Hylas Afinal de contas, pode haver algo mais absurdo que dizer “*não existe calor no fogo*”?

Philonous Para tornar esse ponto ainda mais claro, diga-me, não devemos adotar o mesmo julgamento quando se trata de dois casos idênticos?

Hylas Devemos.

Philonous Quando um alfinete espeta seu dedo, ele não fura e divide as fibras da sua pele?

Hylas Sim.

Philonous E quando um carvão em brasa queima seu dedo, faz algo mais que isso?

Hylas Não.

Philonous Portanto, tendo em vista que você julga que nem a própria sensação causada pelo alfinete, nem nada semelhante, está no próprio alfinete, então você deverá julgar que – conforme o que você acabou de admitir – nem a sensação causada, nem nada semelhante a ela, estão no fogo.

Hylas Bem, já que é assim, estou disposto a ceder nesse ponto e reconhecer que o calor e o frio são apenas sensações que existem em nossas mentes. Entretanto, ainda restam qualidades suficientes para assegurar a realidade das coisas externas.

Philonous Mas o que você diria, Hylas, caso ocorresse o mesmo com todas as outras qualidades sensíveis e não fosse possível supor que elas existem sem a mente, assim como acontece com o calor e o frio?

Hylas Nesse caso você praticamente teria atingido seu propósito. Mas não acredito que você possa prová-lo.

[sobre o paladar]

Philonous Vamos examinar essas qualidades em ordem. O que você pensa sobre os sabores? Eles existem sem a mente, ou não?

Hylas Pode um homem sensato duvidar que o açúcar é doce ou a losna, amarga?

Philonous Conte-me, Hylas, um sabor doce é ou não um tipo específico de prazer ou sensação prazerosa?

Hylas Sim, é.

Philonous E o amargor não é um tipo de incômodo ou dor?

Hylas Certamente.

Philonous Se, portanto, o açúcar e a losna são substâncias corpóreas não pensantes que existem sem a mente, como podem a doçura e o amargor, ou seja, o prazer e a dor, estarem relacionados a elas?

Hylas Um momento, Philonous, agora vejo que estava me iludindo todo esse tempo. Você me perguntou se o calor e o frio, a doçura e o amargor, não eram tipos específicos de prazer e dor, respondi simplesmente que sim. Entretanto, deveria ter feito a seguinte distinção: tais qualidades, enquanto percebidas por nós, são prazeres ou dores, mas não existem nos corpos exteriores. Portanto, não devemos concluir de forma absoluta que não haja calor no fogo ou doçura no açúcar, mas apenas que o calor ou a doçura, enquanto sensações percebidas por nós, não estão no fogo ou no açúcar. O que você me diz disso?

Philonous Eu digo que não acrescenta nada ao debate. Nossa discussão se restringiu às coisas sensíveis, que você definiu como coisas *que são imediatamente percebidas pelos nossos sentidos*. Então, sobre quaisquer outras qualidades de que você fale, distintas dessas, eu não sei nada a respeito, e nem acho que elas pertençam ao ponto discutido. Você pode, de fato, achar que descobriu certas qualidades não percebidas por você e afirmar que essas qualidades não sensíveis existem no fogo e no açúcar. Mas a relevância isso pode ter para nosso debate, eu não consigo conceber. Diga-me, mais uma vez: você acha que o calor e o frio, o doce e o amargo, ou seja, aquelas qualidades percebidas pelos sentidos, não existem sem a mente?

Hylas Acredito que esse não é um assunto ao qual devemos nos deter. Por isso, abro mão da causa daquelas qualidades mencionadas. Ainda assim, considero estranho dizer que o açúcar não é doce.

Philonous Para que você se convença, pense nisso: aquilo que às vezes parece doce, para um paladar desregulado parecerá amargo. E nada pode ser mais claro que o fato de que pessoas diferentes percebem sabores diferentes na mesma comida, pois o que para um homem é um prazer, para outro é abominável. E como poderia ser assim se o sabor fosse inerente à comida?

Hylas Reconheço não saber como.

[sobre o olfato]

Philonous Agora vamos analisar os odores. Você não acha que aquilo que foi dito dos gostos se aplica também aos odores? Esses não podem ser tanto sensações prazerosas como desprazerosas?

Hylas Podem.

Philonous E você pode imaginar ser possível que eles existam em algo que não percebe?

Hylas Não.

Philonous Ou, você pode imaginar que o esterco e o lixo afetam, com os mesmos odores que neles percebemos, os animais que, sem escolha, alimentam-se dessas coisas?

Hylas De modo algum.

Philonous Não podemos concluir, assim, que os odores, da mesma forma

que aquelas qualidades mencionadas anteriormente, só podem existir em uma substância que percebe ou em uma mente?

Hylas Acredito que sim.

[sobre a audição]

Philonous E quanto aos sons, o que devemos pensar deles? Que são, ou não, acidentes inerentes a corpos externos?

Hylas É evidente que eles não são inerentes aos corpos sonoros, pois quando uma campainha toca em um recipiente sem ar nenhum som é emitido. Portanto, o ar deve ser considerado o sujeito do som.

Philonous Qual é a razão disso, Hylas?

Hylas Quando algum movimento é feito no ar, percebemos um som maior ou menor em proporção à movimentação desse mesmo ar. Mas, sem nenhuma movimentação no ar, nunca ouviríamos *som*.

Philonous Admitindo que nunca ouvimos um som senão quando algum movimento é feito no ar, ainda assim não vejo como você consegue inferir a partir disso que o próprio som existe no ar.

Hylas É precisamente esse movimento no ar que produz na mente a sensação do som. Quando esse movimento atinge o nosso tímpano, causa uma vibração, que é comunicada ao cérebro através dos nervos auditivos. Desse modo, a alma é afetada pela sensação denominada som.

Philonous Como assim? O som é uma sensação?

Hylas Sim, estou dizendo que o som, enquanto percebido por nós, é uma sensação particular na mente.

Philonous E alguma sensação pode existir sem a mente?

Hylas De modo algum.

Philonous Como o som, sendo uma sensação, pode existir no ar, se por ar você entende uma substância que não percebe e existe sem a mente?

Hylas É preciso distinguir, Philonous, o som enquanto percebido por nós e o som em si mesmo ou, o que dá no mesmo, o som que nós percebemos imediatamente e aquele que existe independente de nós. Aquele, de fato, é um tipo particular de sensação, enquanto esse é meramente um movimento vibratório ou ondulatório no ar.

Philonous Pensei ter deixado clara essa distinção na resposta que dei quando você quis aplicá-la a um caso semelhante. Para encerrar a discussão: você tem certeza de que o som não é nada além de movimento?

Hylas Eu tenho.

Philonous Tudo o que esteja relacionado ao som real pode verdadeiramente ser atribuído ao movimento?

Hylas Pode.

Philonous Então seria coerente falar de *movimento* enquanto algo *estrondoso, suave, agudo* ou *grave*.

Hylas Vejo que você está decidido a não me compreender! Não é evidente que esses acidentes ou modos pertencem apenas ao som sensível ou ao som no sentido comum da palavra, e não ao *som* no sentido real e filosófico, o qual, conforme falei há pouco, nada mais é que um certo movimento do ar?

Philonous Parece-me, portanto, que há dois tipos de som: um vulgar, ou seja, que pode ser ouvido, e outro filosófico e real.

Hylas Isso mesmo.

Philonous E que o som no seu sentido filosófico e real é movimento.

Hylas Foi o que eu disse anteriormente.

Philonous Diga-me, Hylas, a qual dos sentidos você acha que a ideia de movimento pertence? À audição?

Hylas Certamente não à audição, mas à visão e ao tato.

Philonous De acordo com o que você disse, segue-se que sons reais podem ser vistos ou sentidos, mas nunca ouvidos.

Hylas Olha, Philonous, você pode até zombar da minha opinião, mas isso não alterará a verdade das coisas. Eu mesmo reconheço que as consequências às quais você me induz parecem um pouco estranhas; mas, você sabe, a linguagem corrente é composta por e para o uso do vulgo. Não devemos, dessa forma, nos espantar se expressões adaptadas a conceitos filosóficos parecerem incomuns e deslocadas.

Philonous Chegamos a isso? Asseguro-lhe que eu não creio ter evoluído nem um pouco se consentir em me afastar das frases e opiniões correntes, já que é o objetivo principal do nosso debate examinar qual de nós dois possui as noções mais afastadas do caminho comum e mais aversivas ao sentido geral dado pela humanidade. Mas você não acha que não é nada mais que um paradoxo filosófico dizer que sons reais nunca são ouvidos e que a ideia dos mesmos é obtida por outros sentidos? E nisso não haveria nada contrário à natureza e à verdade das coisas?

Hylas Francamente, eu não estou satisfeito com isso. Mesmo depois das concessões já feitas, admito de bom grado que os sons não possuem realidade fora da mente.

[sobre a visão (cores)]

Philonous E eu espero que você não tenha dificuldade alguma em reconhecer o mesmo quanto às cores.

Hylas Perdoe-me, no que se refere às cores é bem diferente. Pode haver algo mais claro que o fato de que nós as vemos nos objetos?

Philonous Suponho que os objetos aos quais você se refere são substâncias corpóreas que existem sem a mente.

Hylas Precisamente.

Philonous E tais objetos possuem cores verdadeiras e reais inerentes a eles?

Hylas Cada objeto visível possui a mesma cor que vemos nele.

Philonous Como assim? Existe alguma coisa visível além do que percebemos pela visão?

Hylas Não existe.

Philonous E podemos perceber algo pelos sentidos que não percebamos imediatamente?

Hylas Quantas vezes serei obrigado a repetir a mesma coisa? Já disse que não.

Philonous Tenha paciência, caro Hylas, e diga-me mais uma vez se existe algo imediatamente percebido pelos sentidos, além das qualidades sensíveis. Sei que você já afirmou não existir, no entanto, gostaria de saber se você mantém essa mesma opinião.

Hylas Mantenho.

Philonous Então, essa sua substância corpórea é uma qualidade sensível ou é composta por qualidades sensíveis?

Hylas Que espécie de pergunta é essa?! Quem seria capaz de pensar isso?

Philonous Perguntei isso porque, quando diz que “cada objeto visível possui a mesma cor que vemos nele”, você transforma objetos sensíveis em substâncias corpóreas; isso implica que as substâncias corpóreas ou são qualidades sensíveis ou há algo além das qualidades sensíveis percebidas pela visão. Visto que já havíamos concordado, e você ainda mantém, que a visão não percebe outra coisa senão qualidades sensíveis, a consequência óbvia é que a sua substância corpórea não é distinta das qualidades sensíveis.

Hylas Você pode tirar quantas consequências absurdas quiser e tornar confusas as coisas mais simples. Contudo, você nunca me convencerá que estou fora do meu juízo. Tenho plena clareza do que falo.

Philonous Gostaria que você deixasse claro para mim também. Porém, já que não se dispõe a ter a sua noção de substância corpórea examinada, não insistirei mais nessa questão. Só gostaria de saber se aquilo que existe nos objetos são as mesmas cores que vemos ou outras.

Hylas Exatamente as mesmas.

Philonous O quê? O belo vermelho e roxo que vemos nas nuvens está realmente nelas? Ou você imagina que as nuvens têm em si mesmas qualquer outra forma além daquela de um nevoeiro ou vapor?

Hylas Eu admito, Philonous, que essas cores não estão realmente nas nuvens como parece olhando à distância. São apenas cores aparentes.

Philonous Você as chama de *aparentes*? Como poderemos distinguir essas cores aparentes das reais?

Hylas Facilmente. Aquelas que julgamos aparentes, as quais aparecem apenas à distância, desfazem-se quando mais próximas.

Philonous E suponho que aquelas que julgaríamos reais seriam as descobertas por um exame mais aproximado e exato.

Hylas Isso.

Philonous O exame mais aproximado e exato é feito com auxílio de um microscópio ou a olho nu?

Hylas Sem dúvida por um microscópio.

Philonous Mas um microscópio, na maioria das vezes, descobre nos objetos cores diferentes daquelas percebidas somente pela vista. E, caso tivéssemos microscópios capazes de ampliar qualquer grau desejado, certamente nenhum objeto observado por meio deles se apresentaria com a mesma cor percebida a olho nu.

Hylas E o que você conclui disso tudo? Você não pode sustentar que não haja, real e naturalmente, cores nos objetos. Afinal, por meio de procedimentos artificiais, elas podem ser alteradas ou dissipadas.

Philonous Acho que é possível concluir com facilidade a partir do que você mesmo admitiu que todas as cores que vemos a olho nu são apenas aparentes – assim como o vermelho e o roxo das nuvens – uma vez que elas se dissipam quando examinadas de modo mais aproximado e exato através do microscópio. Quanto ao que você coloca como defesa, eu pergunto se descobrimos de modo mais eficaz o estado real e natural de um objeto por um olhar menos ou mais penetrante e preciso.

Hylas Pelo mais preciso, sem dúvida.

Philonous A Óptica não deixa claro que os microscópios tornam a vista mais penetrante e representam objetos como eles deveriam aparecer aos olhos, caso eles fossem naturalmente dotados de uma maior precisão?

Hylas Sim.

Philonous Consequentemente, a representação microscópica deve ser considerada a que melhor apresenta a natureza real do objeto, isto é, o que ele é em si mesmo. Desse modo, as cores percebidas pelo microscópio são mais genuínas e reais que as percebidas de outra forma.

Hylas O que você diz faz algum sentido, admito.

Philonous Além disso, não só é possível, mas também evidente, que existem animais cujos olhos são constituídos pela natureza para perceber aqueles objetos que em virtude de sua miudeza escapam à nossa visão. O que você acha desses animais inconcebivelmente pequenos percebidos pelas lentes? Devemos supor que todos eles são completamente cegos? Ou, caso eles enxerguem, é possível imaginar que sua visão não tenha a mesma finalidade de proteger seus corpos de perigos, como ocorre em todos os outros animais? E se assim for, não é evidente que eles devem enxergar partículas menores que seus próprios corpos e que isso lhes apresentaria uma visão muito diferente de cada objeto comparada ao que vemos? Mesmo nossos próprios olhos nem sempre nos representam objetos do mesmo modo. Todos sabem que na *ictérica* todas as coisas parecem amarelas. Não é, portanto, altamente provável que aqueles animais em cujos olhos reconhecemos uma textura muito diferente da dos nossos e cujos corpos são repletos de diferentes humores não veem a mesma cor que nós vemos nos objetos? Disso tudo não se seguiria que todas as cores são igualmente aparentes e que nenhuma daquelas que percebemos são realmente inerentes ao objeto externo?

Hylas Seguiria.

[sobre a visão (luz)]

Philonous Não haverá mais dúvidas quanto a esse ponto se você considerar que, se as cores fossem propriedades ou afecções reais inerentes aos corpos externos, elas não admitiriam alteração sem que ocorresse qualquer mudança nos próprios corpos. Mas não é evidente a partir do que foi dito que, mediante o uso de microscópios, uma mudança nos humores dos olhos ou uma variação na distância (sem que haja alguma alteração na coisa em si mesma), as cores dos objetos mudam ou desaparecem totalmente? Ou ainda, alterando-se apenas a situação de alguns objetos em relação a nós, mesmo que todas as outras circunstâncias não se modifiquem, esses objetos apresentarão cores diferentes aos olhos. O mesmo ocorre ao olharmos um objeto sob intensidades diferentes de luz. E o que é mais óbvio que o fato de os mesmos corpos apresentarem cores diferentes sob a luz da vela e sob a luz do dia? Consideremos também o experimento do prisma, o qual ao separar os raios de luz heterogêneos, altera a cor de qualquer objeto, fazendo com que até o mais branco dos brancos apareça a olho nu como azul ou vermelho intensos. E agora me diga se você ainda mantém a opinião de que todo o corpo possui a sua cor real e verdadeira como algo inerente a si. E, se você ainda pensa que ele a possui, eu gostaria que fosse mais além e me dissesse qual distância e posição do objeto, qual textura e formação peculiar dos olhos, qual intensidade ou tipo de luz são necessários para assegurar a cor verdadeira do objeto e diferenciá-la de suas cores aparentes.

Hylas De fato, estou inteiramente convencido de que todas essas cores são igualmente aparentes e que não existe algo como uma cor realmente inerente aos corpos externos, estando ela inteiramente na luz. E o que reforça essa minha opinião é que as cores são mais ou menos vívidas em proporção à luz, sendo que, se não houvesse luz, não se perceberiam as cores. Além disso, se admitíssemos que há cores nos objetos externos, como seria possível percebê-las? Pois nenhum corpo externo afeta a mente, a menos que aja primeiro sobre nossos ór-

gãos dos sentidos. Porém, a única ação dos corpos é o movimento, e esse só pode ser comunicado por impulso. Portanto, um objeto distante não pode agir sobre os olhos, tampouco, por consequência, tornar a si mesmo ou as suas propriedades perceptíveis à alma. De onde se segue com clareza que existe, de forma imediata, uma substância contígua que, atuando sobre os olhos, provoca uma percepção das cores: tal substância é a luz.

Philonous Como? Então a luz é uma substância?

Hylas Eu lhe digo, Philonous, a luz externa nada mais é que uma tênue substância fluida, cujas minúsculas partículas, quando agitadas com um movimento rápido e variadamente refletidas sobre os nossos olhos a partir de diferentes superfícies de objetos externos, comunicam movimentos distintos aos nervos ópticos. Esses movimentos, ao se propagarem até o cérebro, causam nele várias impressões, que são seguidas pelas sensações de vermelho, azul, amarelo etc.

A teoria descrita por Hylas é a teoria que ficou conhecida como teoria corpuscular da luz. Descartes foi quem formulou a versão dessa teoria que maior popularidade entre os sécs. XVII e XVIII. Segundo Descartes, a luz é um dos efeitos visíveis do movimento de um meio fluido invisível disperso por toda parte – meio que ele próprio chamou de vórtice, mas que a maioria de seus primeiros seguidores passaram a chamar abertamente de éter. As fontes de luz (Sol, lareiras, velas, raios provocados por descargas elétricas etc.) colocam esse meio em movimento e as minúsculas partículas que o compõe são, então, refletidas na superfície dos objetos materiais e projetadas na nossa retina. Esse movimento é comunicado às partes da nossa retina e persiste no interior do olho, provocando uma agitação no nervo óptico que, por sua vez, se propaga até o cérebro. Essa associação da luz com o movimento de um meio composto de minúsculas partículas foi uma das possíveis fontes de inspiração para Descartes formular e demonstrar a sua famosa lei da refração, segundo a qual os senos dos ângulos de incidência e refração são diretamente proporcionais às velocidades da onda nos respectivos meios. Na formulação ori-

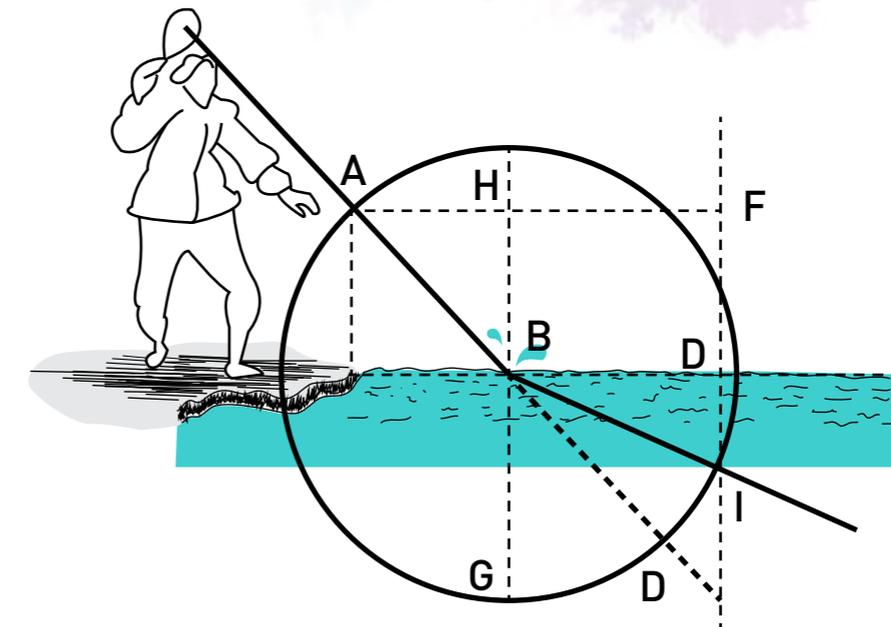
ginal de Descartes, temos que substituir a velocidade da onda pela velocidade da partícula luminosa – ou a bola de tênis, se preferirem. Descartes imagina que a partícula incide sobre a água e que a sua velocidade na água é a metade da sua velocidade no ar. Portanto, a relação entre os ângulos de incidência (ABC) e o de reflexão (EBI) será:

$$\frac{AC}{AB} \propto \frac{EI}{BI} \propto \frac{\vec{V}_{AB}}{\vec{V}_{BI}}$$

Descartes supõe ainda que a partícula perde metade da sua velocidade ao transpor do ar para a água – demandando, assim, o dobro do tempo para percorrer a mesma distância percorrida no ar. Ora, como $AB = BI$ e $\frac{\vec{V}_{AB}}{\vec{V}_{BI}} = \frac{1}{2}$, então $\frac{AC}{EI} = \frac{1}{2}$.

Vê-se, então, que foi muito provavelmente a sua concepção corpuscular da luz que levou Descartes a pensar a propagação da luz em analogia com o movimento de um bola de tênis. Isso reforçaria ainda mais o caráter substancial e material da luz, uma tese que Philonous não poupará esforços para ver definitivamente refutada.

Isso reforçaria ainda mais o caráter substancial e material da luz, uma tese que Philonous não poupará esforços para ver definitivamente refutada.



Philonous Parece-me então que a luz não faz nada mais que movimentar os nervos ópticos.

Hylas Nada mais que isso.

Philonous Em consequência de cada movimento particular dos nervos, a mente é afetada por uma sensação, a qual é alguma cor particular.

Hylas Certo.

Philonous E essas sensações não existem sem a mente.

Hylas Não existem.

Philonous Então como você pode afirmar que as cores estão na luz, já que por luz você entende uma substância corpórea externa à mente?

Hylas Eu asseguro que as cores e as luzes, enquanto imediatamente percebidas por nós, não podem existir sem a mente. Mas elas são, em si mesmas, apenas os movimentos e configurações de certas partículas insensíveis da matéria.

Philonous As cores, portanto, no sentido comum, ou tomadas como objetos imediatos da visão, podem convir somente a uma substância que percebe.

Hylas Isso que eu venho dizendo.

Philonous Pois bem, já que você cede na questão referente às qualidades sensíveis, que são propriamente os objetos imediatos da visão e aquilo que a humanidade considera como cores, você pode sustentar o que desejar com relação às cores invisíveis dos filósofos. Sobre essas não cabe a mim discutir. Eu apenas lhe aconselharia a refletir, considerando a investigação que estamos conduzindo, se é prudente afirmar que *o vermelho e o azul que nós vemos não são cores reais, mas sim certos movimentos e figuras desconhecidos que jamais foram vistos nem*

o poderão ser por homem algum. Essas noções não seriam extravagantes e não estariam sujeitas a inferências igualmente absurdas, como as que você se viu obrigado a renunciar anteriormente no que dizia respeito aos sons?

Hylas Eu admito, Philonous, que é inútil insistir nesse ponto. Cores, sons, sabores, resumindo, tudo aquilo denominado *qualidades secundárias*, certamente não existem fora da mente. Mas ao admiti-lo, não significa que eu rejeite qualquer coisa da realidade da matéria ou dos objetos externos, visto que isso não é nada além do que diversos filósofos defendem, os quais, todavia, estão mais longe de negar a matéria do que se imagina. Para tornar esse ponto mais claro, você deve saber que as qualidades sensíveis são divididas pelos filósofos entre qualidades primárias e secundárias. As primeiras são a extensão, a figura, a solidez, a gravidade, o movimento e o repouso, as quais eles alegam realmente existir nos corpos. As segundas são aquelas que enumeramos anteriormente, ou seja, todas as qualidades sensíveis que não sejam as primárias, as quais eles asseguram ser somente sensações ou ideias que não existem senão na mente. Mas não duvido que você esteja ciente disso tudo. De minha parte, durante muito tempo tive a impressão de que essa fosse a opinião corrente entre os filósofos, mas não tinha me convencido inteiramente da sua verdade até este momento.

É muito importante, nesta altura do texto, recordar a distinção entre qualidades primárias e secundárias mencionada antes na apresentação inicial. A partir deste ponto, Berkeley combaterá essa distinção argumentando em favor da relatividade da percepção. A base do argumento de Berkeley será que a mesma variação e inconstância encontrada nas aparências sensíveis que levou os filósofos modernos – tais como Descartes, Boyle e Locke – a negarem existência real às qualidades secundárias. O objetivo de Berkeley será mostrar que o exatamente mesmo argumento valeria igualmente para negar existência real também às qualidades primárias. Para tanto, nosso autor se esforçará para estabelecer a tese da inseparabilidade entre qualidades primárias e secundárias, explicitada mais diante. Isso se revela na estratégia argumentativa adotada por, Philonous, que conduz o diálogo para provocar uma espécie de redução ao absurdo da posição dos materialistas.

Os materialistas alegam, segundo Philonous, que qualidades primárias existem independentemente da mente, mas admitem que as qualidades secundárias são dependentes da mente. Ora, se as qualidades primárias forem inseparáveis das qualidades secundárias, então as primeiras serão tão irreais e relativas quanto as segundas. Portanto, sempre segundo Berkeley, os materialistas, queiram ou não, estão impedidos de defender a tese de que as qualidades primárias existem independentemente da mente, ou seja, estão irremediavelmente comprometidos com a tese de que as qualidades primárias são dependentes da mente.

[sobre a extensão e a figura]

Philonous Você ainda mantém a opinião de que a extensão e a figura são inerentes às substâncias externas não pensantes?

Hylas Sim, mantenho.

Philonous E se os mesmos argumentos utilizados contra as qualidades secundárias fossem provas válidas contra as primárias?

Hylas Então eu seria obrigado a pensar que elas também existem apenas na mente.

Philonous Você acha que a própria figura e extensão percebidas pelos sentidos existem nos objetos externos, ou seja, na substância material?

Hylas Eu acho.

Philonous Todos os outros animais teriam razões tão fortes para pensar o mesmo que você quanto à figura e extensão que eles veem e sentem?

Hylas Sem dúvida, caso eles fossem capazes de pensar.

Philonous Responda-me, Hylas. Você acha que os sentidos foram concedidos a todos os animais para sua preservação e bem-estar? Ou eles foram dados unicamente aos homens para esse fim?

Hylas Não tenho dúvidas que eles têm a mesma finalidade em todos os animais.

Philonous Se é assim, não é necessário que eles sejam habilitados por esses sentidos a perceber seus próprios membros e os corpos capazes de feri-los?

Hylas Certamente.

Philonous Supõe-se, portanto, que a traça deve ver suas próprias patas e coisas menores ou do mesmo tamanho que elas como corpos de uma dimensão considerável. Ao mesmo tempo, esses corpos mal seriam discerníveis por você, apresentando-se, no máximo, como vários pontos visíveis.

Hylas Não posso negar.

Philonous E às criaturas menores que as traças esses mesmos corpos pareceriam ainda maiores.

Hylas Pareceriam.

Philonous De modo que, o que você mal consegue discernir, parecerá a outro animal extremamente menor como uma montanha imensa.

Hylas Tudo isso eu aceito.

Philonous Pode uma única e mesma coisa ser em si mesma, ao mesmo tempo, de diferentes dimensões?

Hylas Seria absurdo imaginar isso.

Philonous A partir do que você deixou exposto, segue-se que tanto a extensão percebida por você, quanto aquela percebida pela traça – e igualmente todas as percebidas por animais ainda menores – são, cada uma delas, a verdadeira extensão do pé da traça, ou seja, pelos seus próprios princípios você é levado ao absurdo.

Hylas Parece-me haver certa dificuldade quanto a esse ponto.

Philonous Você já não havia admitido que nenhuma propriedade real e inerente a qualquer objeto pode ser alterada sem que haja alguma mudança na própria coisa?

Hylas Havia.

Philonous Porém, conforme nos aproximamos ou nos afastamos de um objeto, a extensão visível varia, sendo dez ou cem vezes maior a uma distância do que a outra. Da mesma forma, disso não se segue que a extensão não é, de fato, inerente ao objeto?

Hylas Reconheço que não sei o que pensar.

Philonous Suas ideias ficarão mais claras, caso você se arrisque a pensar sobre essa qualidade de modo tão livre quanto pensou sobre as outras. Você não havia admitido que era um bom argumento afirmar que nem o calor nem o frio estavam na água tendo em vista que ela parecia quente a uma mão e fria a outra?

Hylas Admiti.

Philonous E esse mesmo argumento não nos levaria a concluir que não há extensão ou figura em um objeto, considerando-se que ele parece redondo, pequeno e plano para um olho e, para o outro, angular, grande e irregular.

Hylas Sim. Contudo, podemos dizer que essa variação ocorre sempre?

Philonous Você pode fazer um experimento a qualquer hora, olhando algo com um dos olhos auxiliado pelo microscópio e com o outro sem o apoio dele.

Hylas Não sei como é possível sustentar isso. Porém, repudio a ideia de renunciar à extensão, já que percebo muitas consequências estranhas advindas dessa renúncia.

Philonous Consequências estranhas? Depois de feitas as renúncias, espero que as estranhezas não o restrinjam. Mas, por outro lado, não seria muito estranho se o mesmo raciocínio que envolve todas as outras qualidades não incluísse também a extensão? E se admitimos que nenhuma ideia ou algo a ela semelhante pode existir em uma substância que não percebe, segue-se, certamente, que nenhuma figura ou modo de extensão que podemos perceber ou imaginar, ou ainda, ter qualquer ideia, pode ser, de fato, inerente à matéria. Sem mencionar a dificuldade que deve ser conceber uma substância material, anterior e distinta da extensão, como sendo o *substrato* da mesma. Seja qual for a qualidade sensível – figura, som ou cor – parece igualmente impossível que ela subsista naquilo que não a percebe.

Hylas Por ora, abro mão do meu argumento, reservando-me, porém, o direito de me retratar, se futuramente descobrir qualquer equívoco cometido ao longo do percurso.

[sobre o movimento]

Philonous Esse é um direito que não lhe poderá ser negado. Tendo superado a questão quanto à figura e a extensão, passemos a tratar do *movimento*. Pode um movimento real de um corpo externo ser, ao mesmo tempo, muito rápido e muito lento?

Hylas Não.

Philonous A rapidez do movimento de um corpo não é inversamente proporcional ao tempo que ele leva para percorrer um espaço dado? Um corpo que percorre um quilômetro em uma hora se move três vezes mais rápido que aquele que leva três horas para realizar o mesmo percurso.

Hylas Concordo com você.

Philonous E o tempo não é medido pela sucessão de ideias em nossas mentes?

Hylas Sim.

Philonous E não é possível que ideias se sucedam umas às outras duas vezes mais rápido em sua mente do que na minha ou na de algum espírito de outra espécie?

Hylas Reconheço que sim.

Philonous Consequentemente, o mesmo corpo pode, para outros, parecer que realiza seu movimento em um espaço na metade do tempo que parece a você. E o mesmo raciocínio pode ser aplicado a qualquer outra proporção, o que significa, de acordo com os seus princípios (visto que ambos os movimentos percebidos estão realmente no objeto), dizer que é possível ao mesmo corpo se mover, ao mesmo tempo, muito rápido e muito lentamente. Como isso poderia ser compatível tanto com o senso comum quanto o que você há pouco afirmou?

Hylas Não tenho nada a dizer sobre isso.

[sobre a solidez]

Philonous Então, no que se refere à *solidez*, ou você não se reporta a qualquer qualidade sensível através dessa palavra (e nesse caso ela estaria fora da nossa análise) ou, se você se reporta a alguma qualidade sensível, essa deve ser ou a dureza ou a resistência. Mas, tanto uma quanto a outra são totalmente relativas aos nossos sentidos, considerando que é evidente que o que parece duro a um animal, parecerá macio a outro animal que tenha mais força e firmeza nos membros. Da mesma forma, é evidente que a resistência sentida por mim não está no corpo.

Hylas Eu admito que não é essa mesma sensação de resistência – que é tudo o que se percebe imediatamente – que está no corpo, mas sim a causa dessa sensação.

Philonous Todavia, as causas de nossas sensações não são coisas percebidas imediatamente e, por isso, não são sensíveis. Eu imaginei que já tivéssemos

definido este ponto.

Hylas De fato já definimos. Desculpe-me se pareço um tanto confuso, mas não sei como abandonar minhas antigas noções.

Philonous Ajudará bastante se você considerar que, caso reconheçamos que a extensão não existe fora da mente, o mesmo deverá necessariamente se aplicar ao movimento, à solidez e à gravidade, visto que todas as qualidades evidentemente pressupõem a extensão. Portanto, é supérfluo investigar particularmente cada um deles. Ao negar a extensão, você está negando a existência real de todas as outras qualidades.

[sobre as qualidades primárias e absolutas]

Hylas Se o que você diz é verdade, é realmente estranho que os filósofos que negam a existência real das qualidades secundárias atribuam essa existência às primárias. Se não há diferença entre elas, como isso se explicaria?

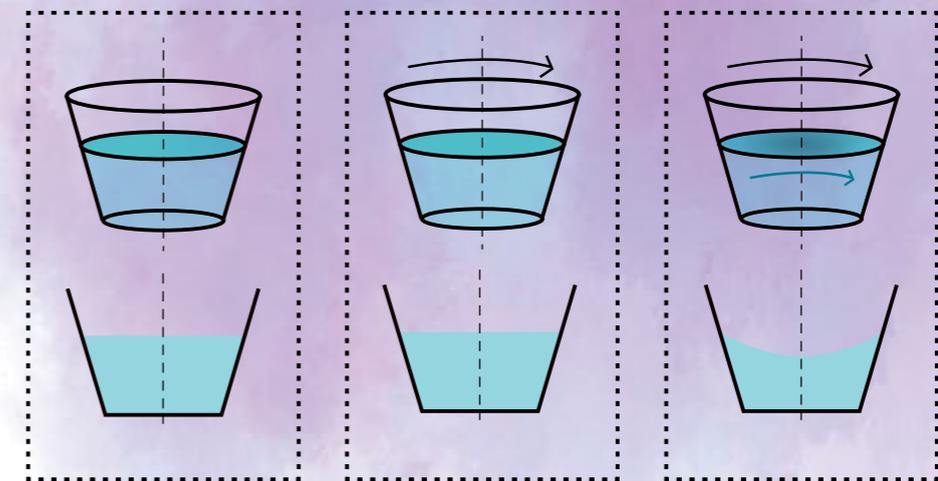
Philonous Não é de meu interesse dar conta de todas as opiniões dos filósofos. Entre outras razões, parece provável que uma delas seja que o prazer e a dor estão antes associados às qualidades secundárias do que às primárias. Calor e frio, sabores e odores afetam-nos vividamente de modo mais agradável ou desagradável do que as ideias de extensão, figura e movimento. Sendo um absurdo tão evidente sustentar que a dor ou o prazer podem existir numa substância que não percebe, as pessoas tendem mais facilmente a desconsiderar a existência externa das qualidades secundárias do que das primárias. Você perceberá que há pertinência nisso caso se lembre da diferença observada entre um grau de calor mais intenso e outro mais moderado, atribuindo uma existência real a um deles e negando ao outro. Afinal de contas, não há fundamento racional para essa distinção, tendo em vista que certamente uma sensação neutra continua sendo uma sensação tanto quanto uma sensação mais prazerosa ou dolorosa. Conse-

quentemente, não se deve entender que uma sensação exista em um sujeito não pensante, da mesma forma que não consideramos que a sensação mais prazerosa ou dolorosa exista.

Hylas Acabou de me ocorrer, Philonous, que ouvi falar em algum lugar de uma distinção entre extensão absoluta e sensível. Embora se considere que *grande e pequeno* consistem apenas na relação que outros seres extensos têm com as partes dos nossos próprios corpos, não sendo inerentes às próprias substâncias. Ainda assim nada nos força a concluir o mesmo quanto à extensão absoluta, a qual é algo abstraído do grande e do pequeno ou deste ou daquele tamanho ou figura particulares. O mesmo ocorre com o movimento. Rápido e lento são igualmente relativos à sucessão de ideias em nossas mentes. Mas o fato dessas modificações não existirem sem a mente não significa que o movimento absoluto, abstraído delas, não exista sem essa mente.

A extensão absoluta é o mesmo que o espaço absoluto. O objetivo de Berkeley é sustentar a tese de que todas as qualidades são relativas, isto é, relativas aos sujeitos que as percebem. Ora, a especialidade ou a extensão é uma qualidade evidente de todas as coisas que percebemos pelos sentidos. Resta saber, entretanto, se o espaço é tão-somente uma propriedade ou qualidade das coisas ou das suas relações ou se é algo que subsiste por si mesmo, isto é, mesmo quando todas as demais coisas ainda não existiam ou se todas elas forem um dia aniquiladas, o espaço já existia e permanecerá sendo o que é independente do que ocorra às demais coisas. Nisso consiste a tese de que o espaço é um algo absoluto, que assimila o espaço a uma substância, conforme lembra frequentemente Berkeley nas passagens acima. Na mecânica do físico inglês Isaac Newton (1643-1727), a doutrina do espaço absoluto recebeu um argumento adicional que consistia na defesa da necessidade de distinguir entre os movimentos relativos e os movimentos absolutos. Os primeiros são os deslocamentos que os corpos realizam em relação aos demais corpos, que são considerados em repouso. Os segundos são aqueles que os corpos realizam em relação ao espaço, independentemente de haver ou não outros corpos com os quais os seus movimentos possam ser comparados. Para ilus-

trar a necessidade de admitir a existência desse tipo de movimento absoluto, Newton sugeriu pensar no que ocorre à superfície da água colocada num balde suspenso por uma corda nas seguintes circunstâncias. Quando o balde está em repouso, a superfície da água é plana. Mas, quando o balde é colocado em rotação – após a torção da corda pela qual está suspenso –, a superfície da água assume uma forma concava. Em ambas as circunstâncias, a água está em repouso em relação às paredes internas do balde. Mas, no início, a superfície da água é plana e, depois, ela é concava, e a concavidade da superfície da água não pode ser o efeito de qualquer movimento relativo ao balde. Ele deve ser, portanto, o efeito do seu movimento em relação ao espaço absoluto, que é propriamente o seu movimento absoluto



Philonous Diga-me, o que distingue um movimento de outro movimento ou uma parte da extensão de outra? Não seria, por acaso, algo sensível, como algum grau de rapidez ou lentidão, um certo tamanho ou figura peculiar a cada um?

Hylas Penso que sim.

Philonous Então, essas qualidades destituídas de todas as propriedades sensíveis não têm nenhuma diferença específica e numérica, conforme os escolásticos as qualificam?

Hylas Não.

Philonous Ou seja, elas são a extensão em geral e o movimento em geral.

Hylas Podemos considerar que sim.

Philonous Porém, há uma máxima universalmente aceita, que diz “tudo que existe é particular”. Como pode, então, o movimento em geral ou a extensão em geral existir fora de alguma substância corpórea?

O debate sobre os universais é antigo na filosofia. Ele existe, no mínimo, desde Platão (428-348 a. C.) e prossegue com Aristóteles (384-322 a. C.) e com os filósofos medievais. O problema em jogo diz respeito à possibilidade de existir algo que não seja em si um objeto particular. Esses supostos objetos foram chamados de “universais”. Se lembrarmos das ideias gerais abstratas ficará mais fácil de entendermos o problema. Essas ideias, normalmente, devem representar uma classe de objetos segundo suas propriedades comuns. Assim, universais seriam, por exemplo, o “homem em geral”, o “cavalo em geral”, ou, para utilizar os exemplos de Berkeley, o “movimento em geral” ou a “extensão em geral”. Os universais se referem, portanto, a espécies de objetos dos quais abstraímos suas qualidades particulares. As disputas filosóficas acerca a realidade dos universais ganharam força a partir do século XI e dividiram os filósofos que nelas se envolveram em realistas e nominalistas. Os realistas afirmavam que os universais existem em si mesmos e que os podemos conhecer mediante, por exemplo, um exercício de abstração cujo ponto de partida seja o exame dos indivíduos que supostamente pertencem à mesma espécie. Os nominalistas, ao contrário, diziam que os universais não existem enquanto entidades reais; são apenas ideias ou mesmo palavras que empregamos para reunir diversos objetos particulares sob uma mesma etiqueta. Quando se coloca diante dessa questão, Berkeley toma partido dos nominalistas e, assim, sustenta que a existência se deve atribuir apenas aos particulares, jamais ela pode ser atribuída aos supostos universais.

Hylas Levarei algum tempo para resolver esse problema.

Philonous Particularmente, acho que esse problema pode ser resolvido rapidamente. Não parece tão difícil dizer se é ou não possível conceber essa ou aquela ideia. Para tanto, gostaria de propor um desafio. Aceitarei aquilo que você defende, se puder conceber em seu pensamento uma ideia abstrata de movimento ou de extensão, despida de todos aqueles modos sensíveis que só podem existir na mente, tais como rápido e lento, grande e pequeno, redondo e quadrado, entre outros. Mas, se não puder conceber tais ideias, a sua insistência em defender algo de que não tem noção deverá ser considerada pouco razoável.

Hylas Honestamente, admito que não posso.

Philonous E você pode separar as ideias de extensão e de movimento das ideias de qualidades ditas *secundárias* por aqueles que sustentam haver uma distinção entre qualidades primárias e secundárias?

Hylas Como assim? Não é uma tarefa simples considerar extensão e movimento em si mesmos e abstraídos de todas as outras qualidades sensíveis? De que maneira, então, os matemáticos podem lidar com a extensão e o movimento?

Philonous Entendo, Hylas, que não é tarefa difícil formar proposições e raciocínios gerais sobre extensão e *movimento* sem mencionar qualquer outra qualidade sensível e, dessa forma, considerar que se está tratando de qualidades meramente abstratas. Contudo, do fato de poder pronunciar a palavra movimento, segue-se que posso formar na minha mente a ideia de movimento sem um corpo? E, por acaso, poderíamos afirmar que formamos e apreendemos de modo distinto em nossa mente uma ideia abstrata de extensão, sem qualquer tamanho ou figura particular, só porque teoremas sobre extensão e figuras podem ser formulados, sem que haja menção a *grande* e *pequeno*, ou a outro modo ou qualidade sensível? Matemáticos lidam com a quantidade sem considerar quais outras qua-

lidades sensíveis se relacionam com elas, sendo essas totalmente indiferentes para suas demonstrações. Acho que você vai concordar que, quando eles deixam de lado as palavras e contemplam as ideias nelas mesmas, essas não são as ideias puras e abstratas de extensão.

[sobre o “intelecto puro”]

Hylas Mas o que você me diz a respeito do *intelecto puro*? As ideias abstratas não poderiam ser concebidas por essa faculdade?

Philonous Como, de maneira alguma, sou capaz de conceber ideias abstratas, é certo que não posso as conceber com o auxílio do *intelecto puro*, seja qual for a faculdade que você compreenda por *intelecto puro*. Além disso, mesmo sem indagarmos a natureza do puro intelecto e seus objetos espirituais (como *virtude, razão, Deus* e assim por diante), parece evidente que coisas sensíveis só podem ser percebidas pelos sentidos ou representadas pela imaginação. As figuras, bem como a extensão, sendo originalmente percebidas pelos sentidos, não pertencem ao intelecto. Porém, para que você fique plenamente convencido, tente, se for capaz, conceber a ideia de uma figura abstraindo todas as particularidades do tamanho ou de qualquer outra qualidade sensível.

Hylas Deixe-me pensar um pouco... Acho que não consigo.

Philonous E você considera possível existir na realidade algo cuja concepção implica uma uma contradição?

Hylas De modo algum.

Philonous Portanto, tendo em vista que é impossível, mesmo para a mente, separar as ideias de extensão e movimento de todas as outras quali-

dades sensíveis, não se segue que onde as qualidades sensíveis existem as ideias de extensão e movimento devem existir necessariamente?

Hylas Parece-me que sim.

Philonous Consequentemente, os mesmos argumentos que você admitiu como definitivos contra as qualidades secundárias também podem ser aplicados igualmente contra as qualidades primárias. Além disso, se você confiar em seus sentidos, não fica evidente que todas as qualidades sensíveis coexistem ou aparecem aos sentidos como estando no mesmo lugar? Os nossos sentidos sempre representam o movimento ou a figura como sendo destituídos de todas as outras qualidades visíveis e tangíveis?

[sobre o “objeto”]

Hylas Não é necessário insistirmos nesse assunto. Estou disposto a admitir – se não há erro ou omissão em nosso debate até agora – que nenhuma qualidade sensível pode existir sem a mente. Mas temo ter sido muito liberal nas minhas concessões anteriores ou ignorado uma falácia ou outra. Na verdade, não parei para pensar.

Philonous Quanto a isso, Hylas, você pode levar quanto tempo quiser para rever o percurso do nosso debate. Você é livre para corrigir qualquer deslize cometido ou incluir algo que tenha omitido em favor da sua primeira opinião.

Hylas Considero uma grande omissão o fato de não ter distinguido suficientemente *objeto* e *sensação*. Embora a sensação não possa existir sem a mente, disso não se segue que o objeto não possa.

Philonous A que objeto você se refere? Ao objeto dos sentidos?

Hylas Esse mesmo.

Philonous Então, àquele que é imediatamente percebido.

Hylas Certo.

Philonous Ajude-me a entender a diferença entre uma sensação e o que é imediatamente percebido.

Hylas Considero a sensação um ato da mente que percebe. Além dessa sensação, algo é percebido; a isso chamo *objeto*. Por exemplo, há o vermelho e o amarelo naquela tulipa. Mas o ato de perceber aquelas cores está apenas em mim e não na tulipa.

Philonous De qual tulipa você fala? É daquela que você vê?

Hylas Ela mesma.

Philonous E o que você vê além da cor, figura e extensão?

Hylas Nada.

Philonous O que você quer dizer, portanto, é que o vermelho e o amarelo coexistem à extensão, não é?

Hylas Isso não é tudo. Eu diria que elas têm uma existência real fora da mente, em uma substância não pensante.

Philonous É evidente que as cores estão realmente na tulipa que vejo. É inegável que a tulipa possa existir independentemente da sua ou da minha mente. Mas que algum objeto imediato dos sentidos, ou seja, qualquer ideia ou combinação de ideias, exista em uma substância não pensante ou externa a todas as mentes é uma evidente contradição. Tampouco posso imaginar como isso se seguiria do que você falou agora mesmo, a saber, que o vermelho e o amarelo estavam na tulipa que você viu, uma vez que você não pretende ter visto aquela substância não pensante.

Hylas Philonous, você é muito hábil em desviar o foco da nossa discussão.

[sobre a ação da mente]

Philonous Percebo que você não quer ser pressionado dessa forma. Voltemos, então, para a sua distinção entre sensação e objeto. Se compreendi bem, em cada percepção, você diferencia a sensação, que é uma ação da mente, e o objeto, que não o é.

Hylas Exatamente.

Philonous E essa ação não pode existir ou pertencer a qualquer coisa não pensante. Porém, qualquer outra coisa que esteja implicada na percepção pode.

Hylas É o que eu quero dizer.

Philonous Assim, se houvesse uma percepção sem qualquer ação da mente, seria possível que tal percepção existisse em uma substância não pensante.

Hylas Concordo com isso. Contudo, é impossível que haja tal percepção.

Philonous E quando se considera que a mente é ativa?

Hylas Quando ela produz, encerra ou muda qualquer coisa.

Philonous A mente pode produzir, interromper ou mudar qualquer coisa por intermédio de algo que não seja um ato da vontade?

Hylas Não pode.

Philonous A mente, dessa forma, pode ser considerada ativa em suas percepções, na medida em que a vontade está incluída nelas.

Hylas Sim.

Philonous Sou ativo ao colher esta flor e levá-la ao nariz porque faço isso com o movimento da minha mão, que é consequência da minha vontade. O mesmo se aplica ao meu nariz. Mas a percepção do cheiro é algo desse gênero?

Hylas Não.

Philonous Eu também sou ativo ao inspirar o ar através do meu nariz, pois o meu respirar, antes de qualquer outra coisa, é o efeito da minha vontade. Nada disso posso entender como a percepção do cheiro enquanto tal, pois, se fosse, toda vez que eu respirasse teria a percepção de um cheiro.

Hylas É verdade.

Philonous A percepção de um cheiro é, de alguma forma, consequência disso tudo.

Hylas Sim.

Philonous Não creio que minha vontade esteja envolvida em algo além disso. O que houver a mais, por exemplo, a percepção de um cheiro particular ou em geral, isso é independente da minha vontade, portanto sou completamente passivo. Você pensa de forma diferente, Hylas?

Hylas Não, penso o mesmo.

Philonous: Quanto à visão, está ou não em nosso poder abrir os olhos ou mantê-los fechados, movimentá-los nesta ou naquela direção?

Hylas Claro que está.

Philonous Da mesma forma, ao olhar uma flor, depende da nossa vontade perceber o branco e nenhuma outra cor? Ou você pode deixar de ver o sol ao direcionar os olhos abertos para alguma parte do céu? Luz ou escuridão são efeitos da nossa vontade?

Hylas Certamente que não.

Philonous Nesses casos você é totalmente passivo.

Hylas Sou.

Philonous Agora me diga: a percepção visual consiste em perceber luzes e cores ou em abrir e movimentar os olhos?

Hylas Sem dúvida, no primeiro.

Philonous Tendo em vista que você é inteiramente passivo na percepção de luzes e cores, em que consiste a ação que você considerava um ingrediente de toda sensação? E não se segue de suas próprias concessões que a percepção de luzes e cores, enquanto não envolve nenhuma ação, pode existir em uma substância que não percebe? Isso não é uma completa contradição?

Hylas Não sei o que pensar disso.

Philonous Além disso, se você distingue *ativo* e *passivo* em cada percepção, precisa também fazer essa distinção na percepção da dor. Mas como é possível que a dor – seja ela tão pouco ativa quanto se queira – exista em uma substância que não percebe? Em resumo, apenas considere essa questão e, então, confesse sinceramente que luzes e cores, gostos, sons etc. são igualmente paixões e sensações na alma. Você pode, de fato, chamá-los de *objetos externos* e atribuir-lhes, simplesmente em palavras, a subsistência que lhe agrada. Porém, examine seus próprios pensamentos e me diga se são ou não como eu disse.

Hylas Admito, Philonous, que após uma observação atenta do que se passa em minha mente, não posso descobrir nada além de que sou um ser pensante afetado por uma variedade de sensações. Tampouco é possível conceber como uma sensação pode existir em uma substância que não percebe. Mas, por outro

lado, quando tomo as coisas segundo outra perspectiva, considerando-as como uma multiplicidade de modos e qualidades, entendo que é necessário supor um *substrato* material, sem o qual não podemos considerar que elas existem.

[sobre o substrato material]

Philonous Você falou *substrato material*? Diga-me, através de qual dos sentidos você toma conhecimento desse ser?

Hylas Ele não é em si mesmo sensível, apenas seus modos e qualidades são percebidos pelos sentidos.

Philonous Presumo, então, que foi pela reflexão e pela razão que você obteve a ideia desse *substrato material*.

Hylas Não suponho ter alguma ideia positiva e adequada dele. Porém, eu concluo que ele existe porque não podemos conceber que as qualidades existam sem um suporte.

Philonous Parece, dessa forma, que você tem apenas uma noção relativa dele ou que você o concebe apenas a partir da relação que ele mantém com as qualidades sensíveis.

Hylas Exatamente.

Philonous Por gentileza, faça-me entender em que consiste essa relação.

Hylas Isso não está suficientemente expresso no termo *substrato* ou substância?

Philonous Se é assim, a palavra “substrato” deve remeter-se àquilo que sustenta as qualidades sensíveis ou acidentes.

Hylas É verdade.

Philonous E conseqüentemente a extensão.

Hylas Concedo.

Philonous Esse substrato material é, portanto, algo que em sua natureza é inteiramente distinto da extensão.

Hylas Entenda que a extensão é apenas um modo e a matéria é algo que suporta os modos. E não é evidente que a coisa suportada é diferente da coisa que a suporta?

Philonous Então, supõe-se que esse algo distinto e externo à extensão é o *substrato* da extensão.

Hylas Isso mesmo.

Philonous Responda-me Hylas: uma coisa pode desdobrar-se sem ter uma extensão? Ou a ideia de extensão não está incluída necessariamente no ato de *desdobrar*?

Hylas Está.

Philonous Portanto, tudo aquilo que você supõe desdobrar-se sob algo precisa ter em si mesmo uma extensão distinta da extensão daquela coisa sobre a qual ele está.

Hylas Precisa.

Philonous Conseqüentemente, toda substância corpórea, enquanto substrato da extensão, deve conter em si mesma outra extensão a partir da qual ela pode ser qualificada como um substrato de algo; e assim infinitamente. Pergunto se isso não é absurdo e repugnante, considerando a sua afirmação de que o substrato é algo distinto e externo à extensão.

[sobre o suporte dos acidentes da matéria]

Hylas Ora Philonous, você me entendeu mal. Eu não quis dizer que a matéria se desdobra sob a extensão em um sentido estritamente literal. A palavra “substrato” é usada apenas de forma genérica para expressar a mesma coisa que *substância*.

Philonous Pois bem, vamos analisar a relação implicada no termo “substância”. Não é isso o que se encontra sob os acidentes?

Hylas É.

Philonous Mas, para que algo possa se encontrar sob uma coisa ou servir de suporte, não precisa ser extenso?

Hylas Precisa.

Philonous Portanto, essa suposição não está sujeita ao mesmo absurdo que a anterior?

Hylas Você ainda está entendendo as coisas em um sentido estritamente literal. Isso não é justo, Philonous!

Philonous Não quero impor qualquer sentido às suas palavras. Você é livre para explicá-las conforme quiser. Eu apenas peço-lhe que me faça compreender algo com elas. Você me disse que a matéria serve de suporte ou encontra-se sob os acidentes. Como assim? No mesmo sentido que dizemos que as pernas suportam o corpo?

Hylas Não. Esse é o sentido literal.

Philonous Seja o sentido literal ou não, deixe-me entender o que você pretende dizer com isso. Quanto tempo você vai me fazer esperar por uma resposta, Hylas?

Hylas Assumo que não sei o que dizer. Antes achava que entendia suficientemente o que significa *suporte dos acidentes da matéria*. Agora, quanto mais penso nisso, menos sou capaz de entender, ou seja, percebo que não sei nada a esse respeito.

Philonous Então, parece-me que você não concebe nenhuma ideia de matéria, seja ela relativa ou positiva. Você não sabe o que ela é em si mesma, tampouco qual relação ela possui com seus acidentes.

Hylas Reconheço que não.

Philonous Mas você havia dito que não podia conceber a existência de qualidades ou acidentes sem pressupor ao mesmo tempo um suporte material para eles.

Hylas Sim.

Philonous Isso significa dizer que, quando você concebe a existência real de qualidades, concebe-a como algo que não consegue conceber.

[sobre a concepção de uma existência exterior à mente]

Hylas Foi um erro, admito. Mas receio que ainda exista uma falácia ou outra. O que acha disso? Ocorreu-me agora que o motivo de todos os nossos erros está no fato de que você trata cada qualidade separadamente. Agora vejo que as qualidades não podem subsistir sem a mente se elas não forem acompanhadas por outras. Cor, por exemplo, não pode existir sem a mente quando não acompanhada pela extensão, nem a figura pode existir sem alguma outra qualidade sensível. Visto que as várias qualidades unidas ou misturadas formam coisas sensíveis inteiras, nada impede que suponhamos que essas coisas existam sem a mente.

Philonous Hylas, ou você está brincando ou tem uma péssima memória. Ainda que de fato tenhamos mencionado as qualidades uma a uma pelo nome, meus argumentos, ou melhor, suas concessões em favor deles, em nenhum mo-

mento tiveram a intenção de provar que qualidades secundárias não subsistem isoladamente, mas sim que elas não existem, *de modo algum*, sem a mente. Realmente, ao abordarmos figura e movimento, concluímos que eles não existem sem a mente, pois mesmo no pensamento era impossível separá-los das qualidades secundárias ou concebê-los existindo por si mesmos. Porém esse não foi o único argumento utilizado naquela ocasião. Mesmo assim (caso desconsideremos tudo o que foi dito até agora, se isso lhe agrada) estou disposto a submeter a questão como um todo a esse último debate. Se você puder conceber que a mistura ou combinação de qualidades, ou qualquer objeto sensível, possa existir sem a mente, então concordarei com isso.

Hylas Se for assim, a questão será logo resolvida. Há algo mais fácil que conceber uma árvore ou casa existindo em si mesma, independente de uma mente ou sem ser percebida por ela? Agora mesmo estou as concebendo dessa maneira.

Philonous Você pode dizer, Hylas, que consegue ver algo que ao mesmo tempo não é visível?

Hylas Não, isso seria uma contradição.

Philonous E você não considera igualmente uma grande contradição afirmar que *concebe* algo que é *inconcebível*?

Hylas Considero.

Philonous Então, a árvore ou a casa nas quais você pensa são concebidas por você.

Hylas Como poderia ser diferente?

Philonous E o que é concebido está com certeza na mente.

Hylas Sem dúvida, o que é concebido está na mente.

Philonous Como, então, você pode dizer que concebe uma casa ou uma árvore que existe externa e independente a qualquer mente?

Hylas Admito que errei nesse ponto. Mas vamos com calma, deixe-me ponderar o que me levou a isso. Foi um equívoco que proporcionou um pouco de satisfação. Como eu estava pensando em uma árvore num lugar solitário, onde não havia ninguém que pudesse vê-la, imaginei que estava sendo concebida uma árvore não percebida ou não pensada e não me dei conta de que eu a concebia o tempo todo. Agora vejo claramente que tudo que posso fazer é formar ideias na minha própria mente. De fato, posso conceber em meus pensamentos a ideia de uma árvore, uma casa ou uma montanha, mas isso é tudo. E isso está longe de ser prova de que posso concebê-las *existindo fora das mentes de todos os espíritos*.

Philonous Então, você reconhece que de modo algum se pode conceber que alguma coisa corpórea e sensível possa existir senão na mente.

Hylas Reconheço.

[sobre a distância como indício da exterioridade]

Philonous E continuará a defender com firmeza a verdade daquilo que não pode conceber?

Hylas Admito que não sei o que pensar, mas ainda há em mim alguma hesitação. Não é certo que vejo coisas à distância? Não percebemos as estrelas e a lua, por exemplo, como estando muito longe? E digo, isso não é óbvio para os sentidos?

Philonous Nos seus sonhos, você também não percebe esses mesmos objetos ou outros semelhantes a eles?

Hylas Percebo.

Philonous Eles não parecem ter essa mesma distância?

Hylas Parecem.

Philonous Não seria necessário concluir, então, que aquilo que aparece nos sonhos existe sem a mente?

Hylas De forma alguma.

Philonous Deveríamos concluir, portanto, que objetos sensíveis existem sem a mente, tendo em vista o modo como aparecem ou são percebidos.

Hylas Concordo. Mas os sentidos não me enganam nesses casos?

Philonous Certamente não. Nem os sentidos nem a razão nos dizem que a ideia ou coisa imediatamente percebida existe sem a mente. Pelos sentidos, você sabe apenas que é afetado por certas sensações de luz, cores etc. E você não diria que essas sensações existem sem a mente.

Hylas Verdade. Além disso tudo, você não acha que a visão sugere algo relativo à *exterioridade* ou à *distância*?

Philonous Ao nos aproximarmos de um objeto distante, o tamanho e a figura visíveis mudam constantemente ou permanecem os mesmos em todas as distâncias?

Hylas Eles estão em mudança contínua.

Philonous A visão, portanto, não sugere nem informa que os objetos visíveis que você percebe imediatamente existem a uma certa distância ou que serão assim percebidos quanto mais deles você se aproximar. Na verdade, o que assim percebemos é uma série contínua de objetos visíveis se sucedendo enquanto nos deslocamos em sua direção.

Nessa altura, o próprio autor remete o leitor a uma de suas primeiras obras intitulada *Um Ensaio para uma Nova Teoria da Visão*, cuja primeira edição apareceu em 1709. Nessa obra, Berkeley sustenta que a distância, o tamanho e a posição dos corpos são percebidos imediatamente pelo tato e, somente pela mediação desse sentido, são também percebidos pela visão. De fato, para Berkeley, a visão é tão-somente uma *linguagem*, cujos sinais são nossas ideias visuais e seus significados são as ideias tangíveis que associamos a esses sinais no decorrer da nossa experiência. Mas recordemos que, também para Berkeley, a *ligação entre sinais e ideias é puramente arbitrária*. Assim, a ligação entre os sinais visuais e o seu significado – qual seja, as verdadeiras ideias táteis – há apenas uma conexão habitual, que de modo algum é necessária. Mas a arbitrariedade ou a ausência de necessidade na conexão entre os sinais visuais e as ideias táteis não poderiam comprometer a credibilidade dessa linguagem? No parágrafo 147 do *Ensaio*, Berkeley apresenta a seguinte conclusão: “os objetos próprios da visão constituem uma linguagem universal do Autor da Natureza, instruindo-nos sobre como regular nossas ações a fim de alcançar as coisas que são necessárias à preservação e bem-estar de nossos corpos, bem como evitar tudo o que lhes possa ser danoso ou destrutivo. É principalmente pela informação que nos proporcionam que somos guiados em todos os assuntos e cuidados da vida, e a maneira pela qual eles significam e marcam para nós os objetos distantes é a mesma das linguagens e signos de eleição humana, que não sugerem as coisas significadas por qualquer semelhança ou identidade de natureza, mas apenas por meio de uma conexão habitual que a experiência nos fez observar entre eles.” (Trad. José Oscar Marques de Almeida)

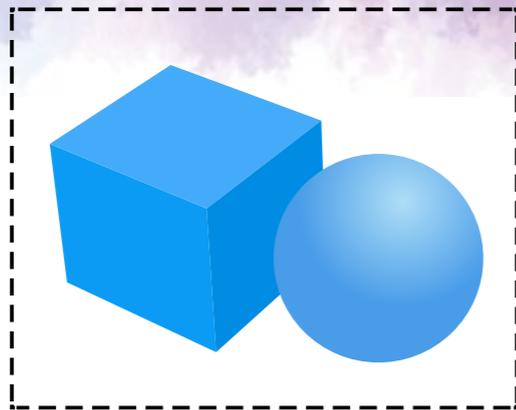
Hylas Realmente não sugere. No entanto, quando vejo um objeto, sei qual objeto perceberei após percorrer uma certa distância. Não importa se será exatamente o mesmo objeto. Ainda haverá algo relativo à distância sugerido nesse caso.

Philonous Caro Hylas, reflita mais um pouco sobre o assunto e me diga se há algo além do que direi a seguir. A partir das ideias que realmente percebe pela visão, você apreendeu pela experiência a coletar as demais ideias que (segundo a ordem permanente da natureza) o afetarão, após o decurso de uma certa sucessão de tempo e movimento.

Hylas De modo geral é isso.

Philonous Além disso, não é evidente que se um homem nascido cego passasse repentinamente a ver, ele não teria, a princípio, experiência do que poderia ser sugerido pela visão?

Essa passagem faz referência a um problema famoso à época de Berkeley: o problema de Molineaux. William Molyneux (1656-1698) era um cientista irlandês que mantinha correspondências como Locke. Numa carta datada de 2 de março de 1693, ele propõe a Locke o seguinte problema: suponhamos que um homem nascido cego e que apenas conhecera um cubo e uma esfera por meio do tato, subitamente tenha recuperado a sua visão. Poderia ele reconhecer o cubo e a esfera apenas com o olhar? Locke trata desse problema no seu livro *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1689), e Berkeley o faz com maior profundidade na sua obra *Um Ensaio para uma Nova Teoria da Visão* (1709). Ambos aceitam a tese de que o sujeito em questão não poderia reconhecer que os objetos diante dos seus olhos eram o cubo e a esfera que ele aprendera a reconhecer pelo tato, pois precisaria refazer as experiências com o sentido recém recuperado, relacionando-o aos demais (audição, tato etc.). Berkeley, em franca oposição a Locke, considera que o caso relatado por Molineaux oferece uma razão adicional para reconhecer que “os objetos próprios da visão constituem um conjunto novo de ideias, perfeitamente distintas e diferentes das anteriores, e que de modo algum podem se fazer perceber pelo tato” (*Ensaio*, § 95, Trad. José Oscar de Almeida Marques).



Hylas Sim, é evidente.

Philonous De acordo com suas ideias, então, ele não teria nenhuma noção de distância anexada às coisas que viu, mas as tomaria como um novo conjunto de sensações existindo apenas em sua mente.

Hylas É inegável.

Philonous Para tornar isso ainda mais claro, pergunto: a distância não é uma linha que converge para o fundo do olho?

Hylas Sim.

Philonous E essa linha poderia ser percebida pela visão?

Hylas Não, não poderia.

Philonous Disso não se seguiria, portanto, que a distância não seria própria e imediatamente percebida pela visão?

Hylas Parece que não é percebida.

Philonous Assim, pergunto-lhe novamente se sua opinião é de que as cores estão à distância.

Hylas Acho que se deve reconhecer que elas estão apenas na mente.

[sobre as coisas reais ou os arquétipos das nossas ideias]

Philonous Mas as cores não aparecem aos olhos como se coexistissem com a extensão e as figuras?

Hylas Aparecem.

Philonous Como você poderia concluir, a partir da visão, que as figuras existem sem a mente, se você reconhece que as cores não existem assim, uma vez que a aparência sensível é igual em ambas?

Hylas Não saberia o que responder.

Philonous Mas, aceitando que a distância fosse verdadeira e imediatamente percebida pela mente, ainda assim não se seguiria que ela existe fora dela. Isso porque tudo o que é imediatamente percebido é uma ideia. E pode uma ideia existir fora da mente?

Hylas Supor isso seria absurdo. Mas me diga, Philonous, podemos perceber ou saber algo além de nossas ideias?

Philonous Saber se há ou não algo além das nossas ideias ultrapassa aquilo que podemos inferir racionalmente pela relação de causa e efeito. Pelos sentidos você pode dizer melhor se percebe alguma coisa diferente do imediatamente percebido. E eu lhe pergunto: as coisas imediatamente percebidas são outras que não suas próprias sensações e ideias? Você, mais de uma vez, declarou-se a favor desses argumentos ao longo deste debate. Porém, considerando nossa última discussão, você parece ter mudado de opinião.

Hylas Para falar a verdade, Philonous, eu penso que há dois tipos de objetos: um deles é aquele percebido imediatamente, também chamado de ideia; o outro são as coisas reais ou objetos externos percebidos pela mediação das ideias, que são suas imagens e representações. Agora eu sei: ideias não existem sem a mente, mas o outro tipo de objeto existe. Desculpe-me por não ter pensado essa distinção antes, isso provavelmente encurtaria a nossa conversa.

Philonous Esses objetos externos são percebidos pelos sentidos ou por alguma outra faculdade?

Hylas São percebidos pelos sentidos.

Philonous Como assim!? Existe algo percebido pelos sentidos que não seja percebido imediatamente?

Hylas Sim, Philonous, de algum modo existe. Por exemplo, quando eu olho para um retrato ou estátua de Júlio César, eu posso dizer que essa é uma maneira de perceber o próprio Júlio César (ainda que não imediatamente) pelos meus sentidos.

Philonous Parece-me, então, que você considera as nossas ideias, que sozinhas são imediatamente percebidas, como imagens de coisas externas. E essas últimas também seriam percebidas pelos sentidos, na medida da sua conformidade ou semelhança com as nossas ideias.

Hylas É isso que quero dizer.

Philonous E, do mesmo modo que Júlio César, ainda que não visível em si mesmo, é percebido pela visão, também coisas reais imperceptíveis por elas mesmas são percebidas pelos sentidos.

Hylas Exatamente do mesmo modo.

Philonous Diga-me, Hylas, quando você observa o retrato de Júlio César, você vê com seus olhos mais do que algumas cores e figura com alguma simetria e composição?

Hylas Nada mais.

Philonous E um homem que nunca tivesse visto Júlio César por qualquer outro meio, não veria a mesma coisa?

Hylas Sim, ele veria.

Philonous Consequentemente, ele tem a visão e seu uso em um grau tão perfeito quanto você.

Hylas Concordo.

Philonous Como poderia ocorrer, então, que os seus pensamentos estivessem relacionados ao Imperador Romano e os dessa pessoa, não? Essa diferença não pode vir das sensações ou ideias de sensação por você percebidas, já que você admitiu não ter vantagem alguma sobre essa pessoa nesse quesito. A relação feita entre a sensação e o Imperador Romano deve proceder, portanto, da razão e da memória, não?

Hylas Deve.

Philonous Consequentemente não se segue desse exemplo que algo seja percebido pelos sentidos sem ser imediatamente percebido, embora aceitemos dizer que percebemos coisas sensíveis em virtude da mediação dos sentidos. A saber, quando a partir de uma conexão frequentemente percebida, a percepção imediata das ideias de um dos sentidos sugere à mente outras ideias possivelmente pertencentes a outro sentido, as quais estão conectadas a elas por costume. Por exemplo, quando ouço um veículo passando pelas ruas, o que percebo imediatamente é apenas o som. Porém, pela experiência que tenho de que um determinado som está conectado a um veículo, afirmo ouvir o próprio veículo. Todavia, é evidente que verdadeira e estritamente nada pode ser *ouvido* senão o *som*, e que o veículo não é, portanto, propriamente percebido pelos sentidos e sim sugerido pela experiência. Podemos dizer o mesmo quando afirmamos ver uma barra de ferro vermelha de tão quente. A solidez e o calor do ferro não são objetos da visão, mas são sugeridos à imaginação pela cor e figura, as quais são propriamente percebidas por esse sentido. Em suma, aquelas coisas são real e estritamente percebidas por qualquer sentido apenas no caso em que elas nos tenham

sido conferidas previamente pelo sentido apropriado. Quanto às outras coisas, é evidente que elas apenas são sugeridas à mente pela experiência baseada em percepções anteriores. Retornando à nossa comparação com o retrato de *César*, é claro que, se você limitar-se a ela, é preciso afirmar que as *coisas reais* ou os arquétipos das nossas ideias não são percebidos pelos nossos sentidos, mas sim, por alguma faculdade interna da alma, tal como a razão ou a memória. Consequentemente gostaria de saber que argumentos você pode derivar da razão a favor da existência daquilo que você chama de coisas reais ou *objetos materiais*. A não ser que você consiga lembrar de tê-los visto anteriormente como eles são em si mesmos, ou pelo menos ter ouvido ou lido alguém que tenha.

Na filosofia, arquétipos referem-se, desde Platão, às formas ideais dos objetos percebidos pelos sentidos. Nos seus diálogos, Platão defende a tese de que há uma forma para cada objeto ou qualidade real: formas de cães, seres humanos, montanhas, cores, coragem, amor e bondade. Mas o que são as formas platônicas? O que é há de real ou essencial em cada objeto particular é a sua forma, de tal modo que a aparência sensível dos objetos é mera sombra que apenas imitavam a forma. Para muitos filósofos que adotaram a doutrina platônica das formas, o conhecimento do mundo real faz-se por meio de uma espécie de visão mental – ou “intelecto puro”, nas palavras de Berkeley – que nos revela a forma universal correspondente a cada coisa particular experienciada. Muitas vezes, supõe-se que essa visão mental nos permite o acesso a um mundo concebido como uma cópia do arquétipo divino, de tal modo que a mente humana contém impresso a sabedoria e o conhecimento divinos.



Hylas Vejo, Philonous, que está disposto ao embate, mas você nunca irá me convencer.

Philonous Minha intenção é apenas aprender com você como chegamos ao conhecimento das *coisas materiais*. Tudo o que percebemos é imediata ou mediata-mente percebido pelos sentidos ou pela razão e reflexão. Mas, como você excluiu os sentidos, peço que me diga qual razão tem para acreditar na existência das coisas materiais, ou de qual mediador você pode fazer uso para comprová-la ao meu ou ao seu próprio entendimento.

Hylas Falando com franqueza, Philonous, agora que eu refleti mais sobre a questão, não sei como posso lhe dar uma boa razão para comprovar a existência das coisas materiais. Porém, me parece evidente ser pelo menos possível que tais coisas existam. Desde que não haja nenhum absurdo em supor a existência dessas coisas, estou decidido a continuar acreditando nisso, até você me dar boas razões que me provem o contrário.

Philonous Como assim!? Você chegou ao ponto de acreditar na existência de objetos materiais fundamentando sua crença apenas na possibilidade disso ser verdade? Desse modo você me obriga a dar razões contrárias à existência de objetos materiais, embora qualquer um ache razoável que a prova deva ser dada por aquele que sustenta a afirmação. E, afinal de contas, esse mesmo ponto que você está decidido a manter sem qualquer razão é aquilo que você mais de uma vez afirmou ter boas razões para abandonar. Mas, deixando isso de lado, se o entendi corretamente, você disse que nossas ideias não existem sem a mente e que elas são cópias, imagens ou representações de certas coisas originais.

Hylas É isso mesmo.

Philonous Então elas são como coisas externas.

Hylas Precisamente.

Philonous Essas coisas possuem uma natureza estável e permanente, independentemente dos nossos sentidos; ou estão em mudança constante em função do movimento dos nossos corpos, ou mesmo através da suspensão, atuação ou alteração das nossas faculdades ou órgãos dos sentidos?

Hylas É óbvio que coisas reais têm uma natureza fixa e real que permanece a mesma, a despeito de qualquer mudança dos nossos sentidos ou da posição e do movimento dos nossos corpos. Essas mudanças podem afetar as ideias nas nossas mentes, mas seria absurdo pensar que elas teriam o mesmo efeito nas coisas que existem sem a mente.

Philonous Como, então, é possível que coisas em constante variação e flutuação como nossas ideias sejam cópias ou imagens de algo fixo e constante? Ou, em outras palavras, visto que todas as qualidades sensíveis

(tamanho, figura, cor etc.), isto é, as nossas ideias, estão em constante mudança diante de qualquer alteração de distância, meio ou instrumento de sensação; como pode qualquer objeto material determinado ser representado adequadamente por várias coisas distintas, cada uma delas tão diferente e dessemelhante do restante? Ou, se você diz que elas se assemelham a algumas de nossas ideias, como seríamos capazes de distinguir a verdadeira cópia de todas as que são falsas?

Hylas Admito, Philonous, que estou perdido. Não sei o que dizer sobre isso.

Philonous Mas isso não é tudo. Objetos materiais são em si mesmos perceptíveis ou imperceptíveis?

Hylas Própria e imediatamente nada pode ser percebido senão ideias. Todas as coisas materiais, portanto, são em si mesmas insensíveis e percebidas apenas através de suas ideias.

Philonous Então ideias são sensíveis e seus arquétipos originais são insensíveis.

Hylas Certo.

Philonous Mas como aquilo que é sensível pode ser semelhante ao que é insensível? Algo real e invisível pode ser semelhante a uma cor ou algo inaudível ser semelhante a um som? Pode algo ser como uma sensação ou uma ideia que não seja uma sensação ou ideia?

Hylas Acho que não.

Philonous É possível que haja alguma dúvida quanto a essa questão? Você não conhece perfeitamente suas próprias ideias?

Hylas Conheço-as perfeitamente. O que não percebo ou não conheço não pode ser parte da minha ideia.

[sobre o ceticismo (II)]

Philonous Agora pense, examine essas ideias e me diga se há algo nelas que possa existir sem a mente ou se você pode conceber algo semelhante a elas existindo sem a mente.

Hylas Pensando bem, para mim é impossível conceber ou entender como algo que não é uma ideia pode ser semelhante a ela. E é ainda mais evidente que nenhuma ideia pode existir sem a mente.

Philonous Desse modo, você é forçado pelos seus próprios princípios a rejeitar a realidade das coisas sensíveis, tendo em vista que elas significavam uma existência absoluta exterior à mente. Em outras palavras, você é completamente *cético*! Assim, provei meu ponto: mostrar que seus princípios levam ao ceticismo.

Hylas No momento estou, se não totalmente convencido, inteiramente sem palavras.

Philonous Gostaria de saber do que mais você precisa para ser totalmente convencido. Não teve total liberdade para se explicar de todas as formas possíveis? Onde deixamos passar qualquer deslize? Onde você deixou de corrigir ou reforçar algum ponto utilizado para seu argumento? Tudo que você disse não foi ouvido com a maior equidade possível? Você não foi convencido pelas suas próprias palavras? E se agora você descobriu algum erro nas suas concessões anteriores ou consegue pensar em um último subterfúgio, alguma nova distinção, ponto de vista ou comentário que seja, por que não o apresenta?

Hylas Um pouco de paciência, Philonous. Agora, estou tão surpreso de me ver enredado, como que preso nos labirintos aos quais você me conduziu que não se pode esperar que eu ache a saída. Você precisa me dar tempo para reavaliar e me recompor.

Philonous Ó! Não é o sino da capela?

Hylas É o sino para as orações.

Philonous Se você quiser, podemos entrar e nos encontraremos aqui amanhã de manhã. Até lá você pode refletir a respeito da discussão desta manhã e, se puder, tentar encontrar alguma falácia ou arranjar algum novo meio para defender-se.

Hylas Concordo.

Um projeto para ensinar e traduzir

As Oficinas de Tradução surgiram em 2009, em consequência da publicação da Antologia de Textos Filosóficos, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Essa obra colocou ao alcance dos professores e estudantes das escolas públicas paranaenses um conjunto de textos filosóficos de mais alta relevância, traduzidos e apresentados por destacados especialistas da filosofia brasileira. A simples publicação de um excelente material didático não representa, por si só, qualquer melhoria no ensino. É necessário também contar com professores preparados e motivados a usá-lo nas salas de aula. O caráter formativo das Oficinas está voltado justamente a essa necessidade. A exemplo do que ocorre com qualquer outro instrumento, o potencial didático de um texto filosófico pode ser melhor explorado por quem sabe como prepará-lo para essa finalidade.

Os textos publicados nesta coleção, ainda que resultem de um rigoroso trabalho de tradução e análise realizado durante as sessões das Oficinas, estão permanentemente em processo de aperfeiçoamento. Os objetivos das Oficinas se estendem para além da publicação dos seus resultados. Requerem ainda um canal de diálogo constante com seus leitores e usuários. As contribuições do público formado pelos professores e estudantes do ensino médio, além de apontar as revisões que as futuras edições dos textos deverão sofrer, proporcionarão o amadurecimento do projeto de tradução sobre o qual as Oficinas se estruturam. Nesse projeto de tradução, dois objetivos são decisivos: contribuir para ampliar o acesso a bens culturais universais e promover a melhoria do ensino da filosofia por meio de textos que dialoguem com os jovens do nosso tempo.

Apoio:



Projeto Gráfico:

